

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

VALÉRIA KONC DOS SANTOS

(AS)Sexualidades – Processo de Subjetivação e Resistência

Mestrado em Psicologia Clínica

**São Paulo
2016**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

VALÉRIA KONC DOS SANTOS

(AS)Sexualidades – Processo de Subjetivação e Resistência

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof.(a) Dr.(a) Suely Belinha Rolnik.

**São Paulo
2016**

VALÉRIA KONC DOS SANTOS

(AS)Sexualidades – Processo de Subjetivação e Resistência

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. SUELY BELINHA ROLNIK – Orientadora
PUC

Prof. Dr. PETER PAL PELBART - Membro
PUC

Prof. Dr. CRISTIANE GONÇALVES DA SILVA - Membro
UNIFESP

Ao meu pai
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Para minha orientadora, Suely Rolnik, pelo carinho, generosidade e sobretudo por ter me inspirado, acreditado e investido em mim.

Para Peter Pal Pelbart, por suas aulas encantadoras e pelo acolhimento e disposição em me ajudar.

Para Cristiane Gonçalves, que mesmo sem me conhecer, veio ao meu encontro, me ajudando e motivando imensamente.

À minha mãe, que não mediu esforços para me apoiar e incentivar na confecção desta dissertação.

À minha irmã que sempre esteve ao meu lado durante toda essa jornada.

Às minhas incríveis e inspiradoras sobrinhas, Ingrid e Sophia. Lindas!

Ao meu patrão, Roberto Carbajo, que me deu todo o apoio e liberdade para que eu pudesse concluir este trabalho.

Para o amigo Mauricio Topal que sempre se prontificou em me ajudar e aos demais colegas de sala que contribuíram na construção desta dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida.

RESUMO

A assexualidade, entendida neste trabalho como uma manifestação da sexualidade humana caracterizada pela ausência de atração sexual e/ou ato sexual, vêm se popularizando nas grandes mídias, causando curiosidade e estranheza. Por ser considerada uma “novidade” dentro das multiplicidades sexuais, a assexualidade ainda carece de estudos mais profundos sobre o tema. Esta dissertação faz uma revisão bibliográfica, enfatizando o espaço virtual, *lócus* de comunidades e fóruns de apoio entre seus membros. A análise sobre o tema, discute sua difícil conceituação e entendimento, sobretudo porque vários aspectos se fundem a discursos essencialistas (quando é caracterizada como uma quarta orientação sexual), políticos e identitários (sobretudo quando se torna um movimento que luta por reconhecimento, tal como observado nas principais comunidades assexuais), até aos processos singulares do sujeito. Por outro lado, também pode ser problematizada através da abordagem *queer*, que atua na desestabilização e desconstrução da sexualidade heteronormativa, princípio que também se aplica a assexualidade enquanto um fenômeno que atua na resistência e na criação de um “novo” que perturbe o *status quo*. As pessoas que se autodenominam como assexuais, fogem do padrão da sexualidade normativa e enfatizam que sua condição como tal não está atrelada a traumas, repressão sexual, problema hormonal, escolha religiosa ou qualquer outro discurso regulatório. Desse modo, a discussão provocada sugere que os assexuais apresentam uma sexualidade rizomática e polimorfa. E a conclusão compreende que a assexualidade, apesar de estar elencado a fatores históricos e sociais de uma sociedade que ainda exhibe resquícios de um pensamento conservador e colonial, também é uma linha de fuga e, nesse sentido, se modela como uma força micropolítica, que busca não permitir seu esmagamento e tampouco seu esvaecimento.

Palavras-chaves: assexualidade, heteronormatividade, resistência, singularidade, *queer*.

ABSTRACT

The term asexuality is understood in this work as a sexuality array characterized by the absence of sexual attraction or/and sexual activity. Asexuality has become of popular interest over the last years as the mainstream media has given some attention to the subject. Seen as a “novelty” in sexual multiplicities, it still needs further research. This dissertation embraces a theoretical investigation, approaching the locus of communities in virtual space and support forums. It addresses the problem of conceptualization and apprehension of asexuality in a context which many of its features are tangled in essentialist discourses (that define it as a fourth sexual orientation), political and identity discourses (especially when it becomes a movement fighting for recognition — observed in the major asexual communities), or in subject's singular processes. On the other hand, it also can be problematized through the queer approach directed at deconstructing and subverting heteronormative sexuality, as asexuality phenomena also strengthens the struggle and creation of that “new” that disturbs the status quo. People who think of themselves as asexual are beyond the limits of normative sexuality. They affirm that their condition is not a result of trauma, sexual repression, hormonal problems, religious choice, or explained by any other regulatory discourse. Thus, the discussion proposed here indicates that asexual people show rhizomatic and polymorphic sexuality. Although asexuality is encompassed in historical and social conditions that still nourish conservative and colonial thoughts, the conclusion of this work suggests that sexuality may be viewed as a line of flight and, therefore, it entails a micro-political force that struggles to prevent its own suppression as well as its weakening.

Key Words: Asexuality, heteronormativity, resistance, singularity, queer

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1 – Logo da Aven	37
Figura 1.2 – Bandeira Assexual 1.	38
Figura 1.3 – Bandeira Assexual 2.	38
Figura 1.4 – “Eu amo bolo”	39
Figura 1.5 – Propaganda assexual.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA	12
3. ENTENDENDO A ASSEXUALIDADE.....	13
3.1 Apresentação	13
3.2 Definições e considerações atuais	15
4. SOBRE O FENÔMENO DA ASSEXUALIDADE.....	18
4.1 Uma nova interpretação da sexualidade.....	18
4.2 Breve histórico da assexualidade.....	26
5. A ASSEXUALIDADE COMO UMA IDENTIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL	31
5.1 Classificações.....	35
5.1.1 <i>Românticos</i>	36
5.1.2 <i>Arromânticos</i>	36
5.1.3 <i>Gray-A</i>	36
5.1.4 <i>Demissexual</i>	36
5.1.5 <i>Lithromânticos</i>	37
5.1.6 <i>Bandeira e Símbolos assexuais</i>	37
6. ASSEXUALIDADE: DISCRIMINAÇÃO E AS LUTAS POLÍTICAS.....	43
7. ABORDAGEM QUEER E NOVAS CONFIGURAÇÕES NO ENTENDIMENTO SOBRE A ASSEXUALIDADE	49
8. DESABAFOS ASSEXUAIS: ESTUDO DE CASO.....	65
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

1. INTRODUÇÃO

Sexo é muito saudável”.

“Okay. Mas não é porque é saudável que eu vou querer.

*Pepino tbm é saudável e nem por isso que eu gosto ou comerei”.*¹

“Deus fez o homem e a mulher.

*Mas o ser humano fez a netflix pra eu não precisar beijar nenhum deles, e aí?”*²

Falar sobre as novas configurações sexuais, em especial a assexualidade, foi um desafio. Inicialmente porque eu faço parte dessa geração, mergulhada em tecnologias, de relacionamentos sustentados por mídias sociais e encontros virtuais. Segundo porque está próxima da minha cartografia pessoal, justamente porque eu nunca vi com estranhamento ou desaprovação indivíduos que não concentram suas vidas afetivas em suas performances sexuais. Mas, ainda assim, inserida dentro de uma cultura que se diz “libertária” sobre o assunto, é impossível não ser penetrada por essas forças.

“De todas as taras sexuais a mais estranha é a abstinência”. A frase de Millor Fernandes foi o passo inicial para iniciar esse pesquisa. Ainda adolescente, sempre me questioneei sobre o quanto filmes, novelas, reportagens de revistas de grande circulação e quaisquer outros veículos midiáticos de alcance popular agenciavam o sexo como atividade sinônima de “maturidade”, de “saúde física e psicológica”, de “necessidade” e qualquer discurso que legitimasse sua prática. Até esse ponto, vê-se uma característica cultural, afinal, os relacionamentos no ocidente são representados não somente por uma demonstração de afeto e união, mas também pela “liberação” do sexo.

No entanto, o ponto que me levou até a assexualidade, foi a observação de que esse discurso sobre o sexo se sobrepõe ao sexo do plano real. Em outras palavras, existe mais “prazer” no saber e no falar sobre sexo do que no próprio ato em si. Consequentemente, as pessoas se ocupam em produzir “sermões” de quanto o sexo é uma atividade importante, de quanto suas performances sexuais são dignas de prêmios, que não conseguem passar x dias sem, que é impossível viver indiferente a essa “necessidade”, etc.

¹ Disponível em <https://www.facebook.com/censoacebr/>. Acessado em 10 fev 2016

² *Ibidem*

Quando me deparei com os assexuais fiquei aliviada por descobrir pessoas que faziam uma crítica parecida com a minha. No entanto, quando trouxe este tema para o mestrado, fui atravessada por diferentes forças que deslocaram a assexualidade para outros territórios.

Tal como a estrutura desse trabalho, inicialmente minha pesquisa teve um caráter identitário e político, preocupado em legitimar a assexualidade e reforçar que ela é algo natural. Por isso há uma defesa - quase um manifesto - sobre a assexualidade como uma possível “orientação sexual”. No decorrer dos meus estudos, o choque provocado pela abordagem *queer* colocou a assexualidade sob uma nova perspectiva.

Nesse âmbito, trabalhei exclusivamente com relatos de membros das comunidades virtuais e o quanto seus discursos revelavam muito mais do que uma “ausência de atração sexual”. Na sequência, descobri que ser assexual não significava ser “virgem”, “celibatário”, “reprimido” ou “doente”. Muito pelo contrário, os assexuais são de uma plasticidade que os aproximam do terreno das pluralidades e diversidades sexuais. Existem “assexuais” e “assexuais”! Alguns não praticam nenhum tipo de ato sexual, afetivo ou romântico; outros gostam de beijo, de masturbação e até fazem sexo ocasionalmente. Para essa variação de assexuais, existem classificações que abrangem o nível de envolvimento sexual variando desde os assexuais puros (que não praticam nenhum tipo de atividade sexual e nem demonstram interesse futuro em praticar) até aqueles que só fazem sexo quando se consideram “envolvidos afetivamente”.

Nasce aí a primeira contradição: como os assexuais, entendidos a rigor como pessoas que “não sentem atração sexual” poderiam, portanto, beijar, se masturbar e praticar sexo ocasionalmente? Isso já não indicaria que eles são “sexuais” e não o contrário?

E porque essa necessidade de se catalogar, de se rotular? Essa indexação age contra as forças micropolíticas, interrompendo o gozo vital e estreitando os modos de existência do indivíduo.

Ademais, e se o assexual mudar de idéia? Ou, em outras palavras, e se o assexual for um indivíduo que tem “fases” oscilantes entre prática e desinteresse sexual?

Enfim, como eu poderia explicar uma “assexualidade sexualizada”? Como poderia problematizar pessoas que dizem não se interessar por sexo, mas que o vivenciam tão frequentemente quanto a população em geral, seja através do discurso, das sublimações ou mesmo de manifestações de carinho e tantas outras possibilidades?

Não obstante, quando apresentei o tema em sala de aula, percebi o quanto a assexualidade era polêmica. Algumas pessoas a entendiam como um modismo, outros a contextualizavam com a herança repressora, moralista e religiosa que se abate sobre nossa cultura, outros acreditavam que – sendo este trabalho escrito dentro da área da Psicologia Clínica – a assexualidade só poderia ser entendida como algum problema psicológico. Enfim, a assexualidade era uma “coisa” sem pé nem cabeça! Uma ficção, um modismo, uma construção histórica ambientada no mundo ocidental regido pela intensa globalização.

Mas também tiveram momentos em que a discussão provocada permitiu desterritorializar a assexualidade, colocando-a em um lugar longe dos essencialismos, dos modismos, das falácias. Aos poucos, comecei a entender a assexualidade dentro da dimensão do desejo, diferenciando-se do sexo visto como uma atividade performática e de um gozo egóico. Esse aporte permitiu ampliar a assexualidade, tratando-a como um saber do corpo, uma linha de fuga micropolítica e uma possibilidade dentre os modos de existência. Também me fez pensá-la como uma resistência que perturba o terreno sexonormativo.

2. METODOLOGIA

O presente estudo é uma revisão bibliográfica sobre a assexualidade. Como referência, foi-se usado bancos de dados online³ (Scielo, Web of Science, Google Acadêmico e BVS) além de fóruns, sites exclusivos e reportagens voltadas ao tema. Também foram de grande proveito teses e dissertações, além de alguns livros. Os depoimentos obtidos foram colhidos das comunidades virtuais e reportagens.

³ Sites mais utilizados na presente pesquisa: Scielo (www.scielo.org), Web of Science (<https://webofknowledge.com/>), Google Acadêmico (scholar.google.com.br), BVS (<http://bvsalud.org/>), AVEN (www.asexuality.org), Comunidade Assexual (www.assexualidade.org), What is Asexuality (www.whatisasexuality.com), Asexuality Archive (www.asexualityarchive.com/), Fórum assexual (a2forum.forumeiros.com), Rede Assexual (<http://redeassexual.blogspot.com.br>) e comunidades dentro do Facebook.

A assexualidade, apesar da grande projeção midiática atual, ainda conta com poucos estudos e livros na área. Os bancos de dados utilizados retornaram mais resultados referentes à biologia do que artigos pertinentes ao assunto. Outras pesquisas correlacionaram a assexualidade com a velhice, religiosidade, com a diminuição do desejo sexual e com estresse.

Os seguintes termos foram pesquisados em português e inglês: assexual, assexualidade, asexual, asexuality, queer.

De todos os resultados relevantes encontrados, nenhum deles apontou para uma conclusão única sobre o fenômeno. Alguns autores entendem a assexualidade dentro do campo das patologias e disfunções e outros dentro do contexto social, vinculado a construção sócio-histórica de cada indivíduo.

Apesar de ser possível que alguns casos estejam ligados primariamente a alguma patologia, o caráter principal que marca esse estudo é a cartografia singular do fenômeno, distanciando-o das explicações reducionistas, médicas e essencialistas.

3. ENTENDENDO A ASSEXUALIDADE

3.1 Apresentação

Resumidamente, a assexualidade pode ser considerada uma nova forma de se entender a sexualidade em nossa sociedade e vislumbra um momento incipiente de visibilidade, crescimento e reconhecimento. As mídias sociais proliferam conhecimento, compartilham histórias, rompem preconceitos, desconstroem o patriarcado que tanto insiste em impor a prática sexual como hábito regular e saudável da vida afetiva e amorosa.

Pode-se entender a assexualidade como uma manifestação da sexualidade humana, caracterizada pela ausência de atração sexual e/ou ato sexual. O movimento assexual vem crescendo no mundo ocidental e já tem representação brasileira em comunidades virtuais. A principal página nacional -

“Assexualidade.org”⁴ - explica que a assexualidade ainda é um termo em construção e que não há uma delimitação exata para toda sua abrangência.

Alguns grupos assexuais a consideram como uma outra orientação sexual, fazendo questão de enfatizar que a assexualidade não é uma escolha, e outros a entendam de uma maneira subjetiva, ligada a um contexto particular de sexualidade e que pode variar.

Apesar do caráter aberto e flexível, os múltiplos testemunhos encontrados nos meios de comunicação, como blogs, redes sociais, sites de encontro, etc. marcam uma necessidade de legitimação política e identitária. A AVEN⁵, considerada a comunidade mais influente em nível internacional, possui mais de oitenta mil inscritos espalhados pelo mundo, enquanto a brasileira A2 ainda apresenta um numero pequeno de participantes com aproximadamente dois mil membros.

A assexualidade, tal como defendida por essas comunidades, causa certa estranheza social. A opinião médica entende que essa recusa ao sexo pode ser diagnosticada e enquadrada dentro de algum critério nosológico, enquanto a opinião religiosa poderá entendê-la como uma forma de celibato ou um ato de fé. Somado a isso, têm-se também a força da pressão social que buscará algum tipo de estereótipo para tentar encaixar esse indivíduo: "Você ainda não se encontrou.", "Isso é fase, depois passa!", e outras frases de senso comum que são rotineiramente proferidas aos assexuais.

No entanto, nenhuma dessas justificativas apreendem o fenômeno, pois os assexuais não são ativistas anti-sexuais. Sendo assim, é preciso um olhar diferenciado, uma compreensão livre e suspensa de qualquer clichê biológico, religioso, médico, sócio-normativo, psicanalítico e moralista.

Necessário, portanto, desconstruir os conceitos que enclausuram a sexualidade como uma atividade compulsória da vida adulta e sinônima de qualidade de vida. Tal como defendido por Elisabete Oliveira, pedagoga e doutora no assunto que ressalta que

⁴ Assexualidade.org, ou simplesmente A2, é a principal comunidade brasileira sobre o tema. Disponibiliza pesquisas na área e recomendações de artigos, livros e materiais, além de um área com perguntas e respostas. Disponível <<http://www.assexualidade.org>>. Acesso em 26 out 2014

⁵ AVEN é a sigla para Assexual Visibility and Education Network, uma rede influente de pesquisa e informações sobre a assexualidade. Fundada em 2001 por David Jay, um ativista assexual norte americano de 33 anos, que concentra seus esforços na promoção da visibilidade assexual. Disponível em: <<http://www.asexuality.org>>. Acesso em: 10 abr 2014

a assexualidade não é um diagnóstico. É uma autoidentificação de pessoas que não sentem interesse por sexo, e que de alguma forma, chegaram a conhecer este conceito como uma categoria que está sendo estudada.⁶

A assexualidade é uma resistência ao império da sexualidade, que doutrina populações através de filmes, novelas, revistas, conversas informais e qualquer outro mecanismo midiático, a um discurso referente a prática sexual. Na comédia há sempre um riso e uma zombaria quando algum personagem manifesta que não faz sexo há algum tempo; na novela, os virgens são alvos de planos mirabolantes para que se livrem desse "anormalidade". Recortes como estes representam muito mais do que uma liberdade e um frescor sexual, mas sim uma espécie de absolutismo, uma tirania da atividade sexual, algo imposto pela sociedade que lucra através de discursos regulatórios, correlacionando o sexo ao equilíbrio emocional e a expressão de uma "natureza humana".

Afastando-se do viés moralista, o objetivo dessa reflexão não é fazer uma crítica conservadora sobre a banalização do sexo ou tampouco apologias aos "bons costumes" da família tradicional, mas sim cartografar a assexualidade como uma linha de fuga frente a uma sociedade altamente sexualizada e submetida a dispositivos de poder, condicionada a exibir performances sexuais distantes do saber do corpo. Necessário para tanto, desconstruir a sexualidade através da perspectiva *queer* e avaliar o fenômeno dentro do seu caráter identitário e político.

3.2 Definições e considerações atuais

Soria (2013), explica que a maior dificuldade com a qual a comunidade científica se depara, continua sendo a falta de consenso sobre o que é a assexualidade (independente do uso popular do tema). Existem poucos estudos e os que existem, geralmente, são baseados na construção de uma definição consensual. Em termos gerais, a assexualidade vêm sendo usada para se referir a indivíduos que apresentam "baixo ou ausente desejo ou atração sexual", "baixa ou ausente atividade sexual", "vínculos exclusivamente românticos, sem encontros sexuais". No entanto, a definição de Bogaert (2012) vêm sendo bem recebida entre os estudiosos. Este autor, reflete que o assexual é aquele que não apresenta desejo sexual e por isso não se atrai sexualmente por outros e também aquele que

⁶ Entrevista de Elisabete de Oliveira. Disponível em < <http://assexualidades.blogspot.com.br/>>. Acesso em 13 jun 2015

tem algum nível de desejo sexual, mas que não se conecta com o desejo do outro. Resumidamente, a definição mais presente que se encontra sobre a assexualidade é que ela é uma falta de atração sexual persistente e que os "assexuais não acham (e talvez nunca tenham achado) outros sexualmente atraentes."⁷ Além disso, o autor reforça que o termo assexual pode obter outros sentidos, frente à diversidade e complexidade das pessoas que se auto-identificam como tal

o rótulo de assexual pode ser utilizado de forma mais ampla do que meramente "uma falta de atração sexual". Pessoas que dizem ter atração sexual por outros, mas demonstram pouco ou nenhum desejo para a atividade sexual também se auto-identificam como assexuais.⁸ (Bogaert, 2012, tradução minha)

Esse entendimento também é partilhado pela AVEN e demais comunidades. A dificuldade dos pesquisadores, portanto, é encontrar um entendimento universal que se adeque ao arcabouço assexual, visto que o fenômeno exhibe variações que fogem de seu sentido estrito. O mais importante é alocar a assexualidade dentro de um espaço que a exclua das interpretações e análises provenientes do discurso médico.

Considerando o caráter pluralista da assexualidade, a comunidade brasileira A2, que mantém uma linha ideológica paralela a AVEN, defende que a assexualidade é mais ampla do que a simples "falta de atração sexual" pois

Procurando uma definição mais específica, chegamos à já falada "assexual é a pessoa que não tem interesse na prática sexual com outra pessoa". E assim acordamos pois a falta de interesse na prática sexual está mais inclusa na realidade da assexualidade que a falta de atração sexual, pois o assexual pode sentir atração sexual em um entendimento psicanalítico sem sentir interesse pela prática sexual com outra pessoa. E a finalização da definição com "outra pessoa" é também muito importante, pois a masturbação pode ser considerada uma prática sexual, a qual é praticada por muitos assexuais, logo, "com outra pessoa" não exclui a masturbação como prática possível ao assexual.⁹

Bogaert (2012) enfatiza dizendo que "[...] se a definição mais comum sobre a assexualidade é experienciar uma falta de atração sexual, ser assexual não significa

⁷ Do inglês: "Asexuality can be defined as an enduring lack of sexual attraction. Thus, asexual individuals do not find (and perhaps never have) others sexually appealing."

⁸ Do inglês: "However, there is also recent evidence that the label 'asexual' may be used in a broader way than merely as 'a lack of sexual attraction.' People who say they have sexual attraction to others, but indicate little or no desire for sexual activity are also self-identifying as asexual."

⁹ Disponível em < <http://a2forum.forumeiros.com/t992-sobre-a-nossa-definicao-de-assexualidade?highlight=defini%C3%A7%C3%A3o>>. Acessado em 20 mai 2016

necessariamente que a pessoa é incapaz de ser sexualmente estimulada”¹⁰ e que desejo e atração podem ser dissociados um do outro.

Observando o fenômeno por esse ângulo, a assexualidade é multifacetada e não pode ser confinada a mesma objetividade que marca o gênero, a orientação sexual e a identidade de gênero. Essa questão será trabalhada melhor no capítulo 5, visto que muitos assexuais entendem sua condição como inata e a identificam como uma “quarta orientação sexual”.

Bogaert formula que o problema do assexual não está no baixo desejo pela atividade sexual, mas sim pela atividade sexual com *outros*. Assim, a assexualidade só pode ser entendida como a ausência de atração sexual, justamente porque quando não há atração sexual, não há desejo e nem comportamento sexual. É como se a atração fosse o fator principal que direcionasse o sujeito ao comportamento sexual.

O autor cita, por exemplo, que as terapias hormonais não alteram a orientação sexual do sujeito, só o deixa mais excitado. Em épocas passadas era comum a administração de altas doses de testosterona em homens gays, pois se entendia que a falta ou desequilíbrio desse hormônio era responsável pela homossexualidade. Mas não é a falta ou presença de hormônio que controla a atração. No máximo pode aumentar o desejo sexual mas não direciona a orientação sexual e nem determina a atração. Sendo assim, tratar hormonalmente um assexual, não vai reverter sua falta de atração e nem conduzi-lo ao ato sexual.

Por fim, Bogaert reforça também que o fenômeno não está fundamentado exclusivamente na ausência de comportamento sexual (dando margem a possibilidade de existir assexuais versáteis, que atuam na medida do seu desejo) e acentua que, apesar da falta de atração, os assexuais apresentam capacidade fisiológica normal para a excitação. Desse modo, o fenômeno não é um impedimento ou uma castração da libido, mas uma interpretação dela. Algumas pessoas viverão bem e felizes sem nenhum contato sexual durante suas vidas.

¹⁰ Do inglês: "First, if a common definition of asexuality is experiencing lack of sexual attraction, being asexual doesn't necessarily mean that one is incapable of being sexually aroused" p. 16

4. SOBRE O FENÔMENO DA ASSEXUALIDADE

4.1 Uma nova interpretação da sexualidade

Munárriz (2010) analisa que nas sociedades desenvolvidas existem múltiplas formas de se interpretar a sexualidade. Contraditoriamente, o mesmo espaço que respira e irradia erotismo é o mesmo onde surge a apatia e indiferença ao sexo. O autor defende que estamos em uma sociedade altamente erotizada, porém que apresenta cada vez menos prazer e gozo da intimidade sexual e que a assexualidade é um reflexo dessas mudanças culturais.

Embora cada vez mais em evidência na sociedade, a assexualidade ainda permanece pouco explorada teoricamente e politicamente, exibindo uma expressão maior nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. O tema vêm paulatinamente chamando a atenção de grandes veículos mediáticos, como revistas de circulação nacional, televisão e, sobretudo, comunidades na internet. No entanto, essa produção é bem recente e acompanha os esforços da AVEN, site norte-americano especializado no assunto que foi fundada em 2001.

A AVEN disponibiliza vários artigos, pesquisas e informações sobre o tema e tenta organizar comunidades assexuais de outros países, provando que o fenômeno não está circunscrito a um modismo cultural. Desse modo, observa-se que as comunidades brasileiras se espelham no modelo norte americano, assumindo a mesma bandeira e símbolos, tentando igualar-se à premissa da AVEN. Essa globalização, no entanto, exclui fatores regionalistas implicados nas diferentes culturas, pois a realidade dos assexuais de outros países talvez não seja a mesma realidade dos assexuais brasileiros.

Aqui no Brasil, a expressividade começou a ganhar visibilidade dentro das redes sociais como Orkut e Facebook¹¹ até se transformar em sites e fóruns exclusivos e independentes. O “Fórum Assexual”¹², conhecido como A2, é reconhecido pela AVEN e possui quase dois mil membros cadastrados.

Oliveira (2014) é uma das poucas pesquisadoras brasileiras. Em sua tese de doutorado, a autora entrevistou 40 pessoas autoidentificadas como assexuais e seus

¹¹ Orkut e Facebook são redes sociais. O Orkut teve seu apogeu no Brasil entre 2004 a 2014, ano em que encerrou suas atividades e o Facebook permanece sendo a rede social mais utilizada do mundo.

¹² Inicialmente conhecido como (<http://www.forumassexual.org/>) migrou para o seguinte endereço: (<http://a2forum.forumeiros.com/>). Atualização em 10 mar 2016.

resultados possibilitaram investigar como os *scripts sexo-normativos* permeiam as experiências dos entrevistados. Oliveira (2014) esclarece que esses *scripts* estão presentes nas construções da sexualidade e de gênero e podem ser entendidos resumidamente como as normas sociais que estabelecem a prática sexual como compulsória dentro de um relacionamento, e que consideram o amor e o sexo como algo de interesse universal. As entrevistas concedidas a autora são ricas em detalhes biográficos e demonstram que os assexuais brasileiros apresentam angústias parecidas com as presentes nos sites e comunidades sobre o tema. Em suma, Oliveira destaca em sua pesquisa as frases mais marcante dos entrevistados selecionados. Por exemplo, F., sexo masculino, 23 anos, que afirmou *“Eu sinto vontade de estar com a pessoa, só não sinto vontade de fazer sexo. Não sei explicar.”*¹³, ou G., sexo feminino, 27 anos que se sentiu grata por descobrir pessoas que estão pesquisando a assexualidade de maneira séria e que *“isso já me deu um alívio existencial, em saber que pelo menos eu existo e não sou mais um mito para a sociedade.”*¹⁴

Para Bogaert (2012) não é possível determinar em qual momento da humanidade o sexo se transformou em um mecanismo possível de ser regulado. O autor cita que a ideia de assexualidade é um mosaico composto desde as tradições celibatárias chinesas e européias (e seus eunucos) até a abstinência religiosa. A castidade foi um valor moral muito alto durante a idade média e até hoje é apreciada. Mas, apesar disso, a assexualidade moderna não tem esses mesmos contornos, pois não é imposta ou forçada.

O autor lembra que é muito comum inferir que grandes figuras históricas que nunca se casaram, tiveram filhos ou algum tipo de relacionamento sexual e afetivo fossem homossexuais, reprimidos ou doentes. Por exemplo, Isaac Newton, que nunca se casou e manteve uma vida solitária voltada para a ciência e Emily Brontë - escritora de *O Morro dos Ventos Uivantes* - que também manteve uma vida afastada das inclinações sexuais. Apesar de alguns historiadores se aproximarem da interpretação de que ambos eram homossexuais, esse recorte já revela o quanto é difícil imaginar pessoas saudáveis sem nenhum interesse sexual.

¹³ Ibidem p.114

¹⁴ Ibidem p.115

Outro exemplo está no site chinês “Casamento para assexuados”¹⁵ inaugurado em 2005 como um ponto de encontros para assexuais em busca de casamento. O sucesso foi tão grande que em menos de um ano já contabilizava mais de sete mil membros, tamanha a demanda por relacionamentos sem sexo. Essa façanha é um sinal claro de como a instituição do casamento está sendo remodelada frente ao desenvolvimento econômico e social da China, no entanto, considerando que este país ainda vive sob algumas restrições de liberdade de expressão, não é possível confirmar se todos os inscritos nesse site são assexuais ou não. O próprio criador do site, Lin Hai¹⁶, assume que boa parte dos usuários são pessoas que não podem manter relações sexuais ou então homossexuais.

Atualmente, o assunto pode ser encontrado facilmente nas redes sociais e aqui no Brasil já foi inclusive tema de novela¹⁷. A divulgação sobre a assexualidade está expandindo-se largamente, sobretudo nos últimos anos, período em que criou corpo em sites especializados. Por exemplo, no começo dos anos 2000, era comum os assexuais se compararem a uma ameba¹⁸ e, até 2009, o assunto era visto de maneira nebulosa e seus adeptos eram identificados como “assexuados”¹⁹, nomenclatura que vêm sendo abandonada devido à sua correlação com o conceito de reprodução assexuada presente na Biologia (ainda que seja usado por alguns grupos que entendem que assexuado é aquele que estritamente não faz sexo sob nenhuma circunstância tal como um celibatário ou um abstinência).

A palavra assexualidade advém da biologia que - a rigor - é um adjetivo que expressa aquilo “que não envolve sexo” ou “animal ou vegetal desprovido de sexo;

¹⁵ Casamento para Assexuados. Disponível em <www.wx920.com>. Acesso em: 10 jun 2015

¹⁶ Lin Hai é o idealizador do site Casamento para Assexuados. Material disponível em : <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI1084326-EI12884,00-site+de+namoro+para+assexuados+e+sucesso+na+China.html>>. Acesso em: 10 jun 2015

¹⁷ A novela *Malhação ID*, destinada à adolescentes, foi exibida na Rede Globo em 2009-2010 e retratava a história do personagem Alê, que se caracterizava como “assexuado”.

¹⁸ Sabendo que as amebas se reproduzem de maneira assexuada, os assexuais adotaram esse conceito como forma de identificação.

¹⁹ Alguns fóruns entendem que a palavra “assexual” abarca todo o fenômeno envolvendo a ausência e/ou restrição sexual, enquanto alguns fóruns entendem que ser assexual é estritamente uma orientação sexual e o assexuado a pessoa que não faz sexo. Nesse caso, o assexuado é o abstinência, o celibatário, enquanto o assexual é aberto às possibilidades singulares de sua sexualidade e apresenta expressão sexual diminuída, ausente ou condicionada à algum aspecto (por exemplo, romantismo, amor, etc). No entanto, para diminuir as confusões, visto que o assexual também é um assexuado, eles podem ser entendidos como sinônimos. Disponível em <http://ideiasembalsamadas.blogspot.com.br/2013/05/a-assexualidade.html>. Acesso em

sexo; neutro”²⁰. Desse modo, muitos assexuais brincam com a idéia de terem uma sexualidade parecida com a de uma ameba.

PENNY: Eu tenho que perguntar: qual é o negócio do Sheldon?...São garotas? Garotos? Fantoches?

LEONARD: Honestamente, eu não sei. Nós operamos sob a suposição de que ele não tem negócio.

PENNY: Ah, qual é. Todo mundo tem um negócio.

WOLOWITZ: Não o Sheldon. Ao longo dos anos temos formulado muitas teorias sobre como ele poderia reproduzir. [pausa] Eu sou um defensor da mitose.²¹

O trecho extraído da série Big Bang Theory retrata a vida de um gênio que não mantém relacionamentos sexuais ou românticos, tal como um assexual. No diálogo, o amigo tenta encontrar uma explicação biológica para justificar o desinteresse sexual do personagem conhecido como Sheldon Cooper. Esse mesmo personagem, em outra momento da série, acaba se envolvendo com uma mulher (Amy), não mantendo nenhum tipo de contato físico com ela, permanecendo em um relacionamento platônico. Após nove temporadas, com pequenas, tímidas e desconexas demonstrações afetivas, Sheldon decide fazer sexo com Amy como uma forma de “presentear-la” por seu aniversário. No final, apesar de ter gostado da experiência, encerra dizendo: “Estou ansioso para o seu próximo aniversário para fazermos de novo.”²²

A ficção retrata uma tendência que se aglutina na vida urbana, demarcando um território de pessoas que fazem parte de um corpo que não valoriza o sexo como atividade fim de um relacionamento.

Ainda assim, os questionamentos apontados no relato a seguir, refletem uma necessidade de compreensão do fenômeno sobretudo porque a primeira impressão

²⁰ Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Assexual. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.474

²¹ Trecho extraído da série Big Bang Theory. Em inglês: “[Penny]: I just have to ask: hat’s Sheldon’s deal?... Is it girls? Guys? Sock puppets? [laughter] LEONARD: Honestly, we’ve been operating under the assumption that he has no deal. [laughter]. PENNY: Oh come on, everybody has a deal. WOLOWITZ: Not Sheldon. Over the years we’ve formulated many theories about how he might reproduce [laughter and pause]. I’m an advocate of mitosis [laughter]

²² The Big bang Theory, 9ª temporada, episódio 11 exibido pela CBS norte-americana em 17 dez 2015.

que os assexuais passam – e ainda passam – é de serem “anormais” ou possuírem alguma “desordem bioquímica ou psicológica”.

Perguntas: será que todas as pessoas que são ou optam ser indiferentes ao sexo tem alguma desordem bioquímica ou psicológica? Será que quem não liga para sexo é necessariamente anormal? Será que quem não quer fazer sexo tem que ser tratado clinicamente como uma pessoa portadora de um distúrbio?

[...]Será que existe vocação legítima para ser Assexuado ou isto é fruto de uma disfunção bioquímica ou algum trauma de origem psíquica? A decisão de não fazer sexo estaria inserida na possibilidade de escolha de alguém? Ao renunciar ao sexo, se estaria renunciando também à possibilidade de manter uma relação afetiva com alguém? Sally²³, Desfavor.com

As dúvidas presentes no depoimento de Sally refletem o quanto o fenômeno é complexo. A depoente questiona se a assexualidade é uma escolha, uma doença, um trauma ou uma “vocação legítima”.

Logo, para percorrer historicamente a noção de assexualidade, é necessário compreender a sexualidade ocidental moderna, como palco de pluralidades e construção de subjetividades. Foucault (1988) analisa que o discurso sobre sexo presente em nossa sociedade atual teve início do século XVIII e foi produzido concomitantemente à fragmentação dos saberes perpetrado pelas ciências positivistas. Em meio a tantos campos de conhecimento, a sexualidade ganhou notoriedade transformando-se em objeto de estudos e análises.

Não obstante a coisificação do sexo - distanciando o sujeito desejante do seu desejo - a sexualidade ocidental começou a agregar saberes à *práxis* sexual, transformando o discurso em uma verdade e em um método de coerção e punição dentro da órbita cristã.

[...] a sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico [...] à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles, das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1993, p.100)

A sexualidade então começa a ser esmiuçada e convertida em objeto de saber. Além disso, passa a ser entendida como expressão da individualidade. O homem “impotente”, a mulher “frígida”, “histérica” e tantos outros estereótipos

²³ Autora do artigo de opinião, acessível no blog < <http://www.desfavor.com/blog/2009/07/flertando-com-o-desastre-assexuados>>. Acesso em 10 jun 2015

passam a existir e, concomitante a isso, a idéia de problemas sexuais que podem ser “curados” através da literatura científica.

Ampliando esse constructo, Freud elaborou a Psicanálise para dar conta das doenças nervosas produzidas pela intensa repressão dentro das famílias burguesas, dando um enfoque cultural à sexualidade (Gagnon, 2006).

A Psicanálise contribuiu na criação de novos saberes na área da sexualidade, identificando o quanto a sociedade moralista e repressora produzia neuroses. Essa teoria é sempre um referencial forte nos estudos sobre a sexualidade humana, visto que o discurso sobre o inconsciente, interdição edípica e mecanismos de defesa se aproximam do fenômeno como uma maneira de elaborar os fatores que atravessam a sexualidade.

Nesse âmbito, muitos assexuais recorrem à psicanálise, sobretudo para se justificar. Os mecanismos de defesa, em destaque a sublimação, são interpretados como argumento plausível e saudável sobre a assexualidade.

Como a assexualidade é variável e variante, esse estudo não pretende se agarrar aos casos em que há uma psicopatologia ou doença associada ao fenômenos pois, como já citado, os assexuais que congregam nos fóruns e sites especializados alegam não sofrer de nenhum transtorno psíquico, trauma ou conflito que os impeçam de vivenciar o sexo. Muitos citam, inclusive, já terem buscado ajuda terapêutica e médica inutilmente, uma vez que nada foi diagnosticado negativamente. Ainda assim, não se descarta a possibilidade de que muitos assexuais seriam beneficiados com a ajuda especializada de médicos e terapeutas.

Assim, a Teoria da Repressão²⁴ de Freud elege o inconsciente como o conjunto de conteúdos que são expulsos do consciente e que procuram fortemente retornar à consciência e à ação. A Psicanálise, portanto, se ocupa de um inconsciente que sempre revela algum fracasso, conflito e alguma angústia. Essa premissa por si só já é bastante rentável e útil no entendimento da assexualidade, visto que nessa acepção é possível pensar que o indivíduo, fortemente reprimido, tem sua sexualidade interditada.

²⁴ Para Freud é a [...] pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar e se empreende a análise de um neurótico sem recorrer a hipnose. Em tais casos encontra-se uma resistência que se opõe ao trabalho da análise e, a fim de frustrá-lo, alega falha de memória. (Freud, 1914, p.10)

Por conseguinte, as estruturas de personalidade estudadas por Freud são análoga às relações objetais primárias do sujeito até a consolidação do complexo de Édipo e relacionadas a castração, angústia e identificação ao significante fálico. Resumidamente, Freud entende que o psiquismo é estruturado pelo complexo de Édipo²⁵ mas, durante a primeira infância, todo o funcionamento do indivíduo estaria focado na obtenção de prazer. E, frente as exigências sociais, logo o bebê internalizará que nem sempre suas necessidades e desejos serão atendidas prontamente. Esse ego primitivo se desenvolve na medida em que vai sendo inserido na cultura, forçando o sujeito “a adiar alguns prazeres em troca de outros, mais seguros” (Fontes, 2008). Logo o ego infantil sofre a ação de “medidas educacionais, normativas, destinadas a dominar a conduta natural-instintiva.”²⁶ que direcionam o sujeito a refrear, suprimir ou adiar as condutas instintivas. Esse conflito entre a descarga de uma pulsão e sua repressão, manifesta-se através dos *mecanismos de defesa*. Kusnetzoff (1982) lembra que as operações defensivas são automáticas e inconscientes, ou seja, o sujeito sofre a ação delas tal como um “homem que deseja manter afundado na água um barril vazio; deverá usar uma força constante e a interrupção da mesma permitiria que o barril voltasse bruscamente à superfície.” (1982, p.189). Esse autor salienta também que

[...] a base fundamental do processo defensivo é o conflito psíquico. Uma vez que a teoria psicanalítica reconhece o conflito como constitutivo do ser humano, esta definição pode ser extensiva às defesas. Assim como não existe vida sem conflito, assim também não existe vida do aparelho psíquico sem defesas. Kusnetzoff, 1982, p. 183

Desse modo, poderia-se pensar a assexualidade dentro de uma estrutura neurótica, justamente porque é característico da neurose o recalque e a repressão. Nesse caso, o assexual tentaria excluir da sua consciência algo que lhe causa desconforto e angústia, representado como o ato sexual. Pode-se inferir que durante

²⁵ Laplanche e Pontalis o define como o “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia. (p. 77)

²⁶ Kusnetzoff, 1982, p. 186

a infância esse sujeito teve sua sexualidade reprimida e contida pelos seus responsáveis, conferindo-lhe a ideia de que sexo é algo ruim, sujo e deve ser evitado. Nesse caso, a fala desempenha um papel substituto ou seja, a pulsão não investida sexualmente é investida em outro objeto, no caso, o discurso. Essa sublimação seria responsável pelos agrupamentos assexuais, que reivindicam sua legitimação ou que se reúnem somente para compartilhar experiências. Esse falar *sobre* já é uma maneira de se satisfazer.

Assim, a sublimação pode ser considerada uma adaptação lógica, ativa e bem ajustada das pulsões do inconsciente. Originalmente, Freud citou as atividades artísticas e intelectuais como atividades sublimadas. Mas entende-se que a sublimação não se restringe a somente essas possibilidades.

Para Kusnetzoff (1982),

O processo de sublimação implica um grau de abandono do objetivo original da pulsão e, portanto, abandonam-se as relações estreitas que a pulsão tinha com a sexualidade. A pulsão, por um processo complicado de transformações, escolhe uma nova finalidade, conciliando, sob o comando do Princípio da Realidade, as exigências do Superego com as do Id. (1982, p. 216)

Desse modo, a sublimação elege outros objetos em seu investimento libidinal que se aproximam do princípio da realidade. Como visto, os assexuais demonstram força de reivindicação, discurso elaborado e deslocam a libido para outras coisas mais atrativas para eles. Importante lembrar que as atividades sublimadas proporcionam grande estímulo e prazer, por isso muitos assexuais preferem doces a sexo, ou como citado no início deste trabalho, a Netflix²⁷.

A assexualidade poderia ser considerado também um comportamento decorrente de regressão narcísica em que o sujeito vivenciaria uma sexualidade voltada para si. Ou seja, ele é o desejo e o desejante, e não precisaria de um outro objeto sexual para contrainvestir essa pulsão. Para Kusnetzoff (1982), isso estaria dentro de um mecanismo próprio do narcisismo secundário, em que o ego reinveste em si a energia libidinal outrora destinada a objetos externos.²⁸

Lacan (*apud* Scotti, 2011) entende que :

²⁷ Plataforma online de séries e filmes. Conta com um catálogo atraente e disponível 24 horas por dia.

²⁸ Kusnetzoff, 1982, p. 145

[...]ao longo desse período histórico, o desejo do homem, longamente apalpado, anestesiado, adormecido pelos moralistas, domesticado por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalcou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber (LACAN, 1991, p. 388-389).

Desse modo é no saber, na linguagem que se dá o gozo. Nogueira (1999) explica que a "experiência analítica é um exercício para se fazer a economia de gozo e a linguagem, além de significar, satisfaz.". Baseado nessa análise, o assexual não precisa do ato físico em si, pois vivencia o ato através da linguagem. Em seu mundo, os discursos, os saberes e a fala são libidinais e substituem o sexo.

Assim, o desejo assexual, entendido como um "não fazer" e/ou um "não sentir", se dá no saber. Martinho²⁹ explica que a função do desejo, ou melhor, o que o desejo deseja "é o reconhecimento de si como desejo, o que apenas se pode realizar por intermédio de um outro desejante.". Assim, basta o reconhecimento da assexualidade em si para que o sujeito se sinta bem consigo mesmo. Esse alcance se reflete também na necessidade da instituição de uma identidade assexual.

Nogueira (1999) reforça que "o desejo aparece como um elemento essencial da experiência humana, que emerge na linguagem e só por ela, revelando-se inconsciente, e só podendo ser contornado num processo interminável."

Assim, o desejo se torna elemento essencial e está intimamente ligado aos modos de existência.

4.2 Breve histórico da assexualidade

O biólogo estadunidense Alfred Kinsey foi pioneiro nos estudos quantitativos sobre a sexualidade. Quando publicou os livros *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953), Kinsey colaborou na desmitificação da sexualidade humana, revelando aspectos sobre práticas sexuais de maneira direta e desprovida de julgamentos morais e religiosos. Entre os anos de 1938 a 1953 - período marcado por uma expressão sexual pudica e presa a credences diversas - o biólogo coletou depoimentos de mais de 18 mil participantes, que forneceram dados relevantes sobre suas atividades sexuais.

²⁹ MARTINHO, Jose. O desejo é o desejo do outro. Disponível em <http://acfportugal.com/cartaacf/carta3.pdf> Acessado em 18 jun 2015

Seus estudos indicaram, dentre outros aspectos sobre a vida afetiva e sexual, que 1% da população estudada não manifestava interesse pela prática sexual. Essas pessoas foram classificadas através da escala H-H³⁰, que é uma escala de orientação sexual - também conhecida como escala Kinsey - que variava de 0 (exclusivamente heterossexual) até 6 (exclusivamente homossexual), apontando outros arranjos a partir do binarismo homossexual/heterossexual.

Nessa escala, aqueles sujeitos que não se encaixavam em nenhuma opção entre o grau 0 ao 6, foram descritos dentro de um capítulo que falava sobre baixa frequência sexual e sublimação. Nesse caso, Kinsey interpretou esse grupo através de diagnósticos baseados em critérios médicos, psicológicos ou moralistas, tais como baixa intelectualidade, inibição, falta de oportunidade, repressão, adolescência tardia, religiosidade entre outros (Kinsey, 1948, p.205-210). O conceito freudiano de sublimação aparece também como tentativa de justificar a abstenção sexual “[...] é possível desviar sua energia sexual para níveis mais altos de atividades como a arte, literatura, ciência e outros canais sociais.”³¹. Desse modo, Kinsey postulou que a abstenção poderia ser tanto um sintoma de uma doença quanto uma característica idiossincrática e subjetiva do sujeito.

Já em 1953, em *Sexual Behavior in the Human Female*, Kinsey inseriu em sua escala o grupo “X”; identificado como aquele que é indiferente sexual, abrindo as portas para um novo entendimento sobre o assunto. Esse grupo, seria usado posteriormente como uma referencia bem distante daquilo que viria se qualificar como assexualidade.

Sobre o trabalho de Kinsey, é importante lembrar que ele estava interessado em lançar luz à sexualidade, um campo fortemente atado a tabus, crendices e moralismos, fato que o fizera conceituar o grupo “X” com certa descrença, sobretudo porque a abstenção poderia ser reflexo da forte repressão instituída pela sociedade recatada. Ademais, ele abriu as portas para o debate sobre as vicissitudes da sexualidade ao advogar sobre a prática sexual como condição essencial na saúde

³⁰ *Escala H-H*: 6 Grau 0: exclusivamente heterossexual; grau 1: predominantemente heterossexual, mas com experiências homossexuais esporádicas, quer de atos, emoções ou fantasias; Grau 2: predominantemente heterossexual, mas com considerável atividade homossexual; Grau 3: atividades homossexuais e heterossexuais mais ou menos equivalentes em frequência. p.638

³¹ Do ingles: “[...]it is possible for an individual to divert his sexual energies to such "higher levels" of activity as art, literature, science, and other socially more acceptable channels”. p. 206, tradução minha.

humana. Antes dele, comportamentos fora do padrão eram entendidos como anomalias e acorrentadas ao terreno das parafilias, das doenças, das perversões e da moralidade.

Nos anos posteriores, as mudanças culturais ocorridas no período pós guerra favoreceram um florescer de estudos sobre a sexualidade. Em 1952 foi lançada a primeira versão do DSM³², guia de classificações sobre diversas patologias mentais organizada pela Associação Americana de Psiquiatria. Paralelamente, o casal formado pelo médico William Masters e pela psicóloga Virginia Johnson publicaram no final da década de 60 os livros *Human Sexual Response* 1966 e em 1970 *The Human Sexual Inadequacy*, expandindo o legado de Kinsey ao detalhar melhor os fatores ligados à resposta sexual, a anatomia e a inadequação sexual. Apesar de não citar diretamente a abstenção, Masters & Johnson evidenciaram a correlação entre atividade sexual e saúde. Qualquer comportamento fora do discurso produzido pela maquinaria orgasmática, estava fadado ao terreno dos desvios e das inadequações.

Com esse cenário, as primeiras citações sobre assexualidade só seriam mencionadas mais tardiamente. Oliveira (2014) aponta que em 1977, Myra T. Johnson publicou *“Mulheres assexuais e autoeróticas: dois grupos invisíveis”*, como um dos primeiros esforços em entender minorias sexuais. Oliveira explica que o objetivo dessa autora era identificar dois comportamentos associados à sexualidade feminina: a assexualidade como ausência total de desejo e prática sexual e o autoerotismo como ausência de sexo e presença de masturbação.

Em 1980, com a introdução da terceira edição do DSM, a classificação no capítulo de Transtornos Psicosssexuais introduziu o termo “Inhibited Sexual Desire” para diagnosticar uma “persistente e invasiva inibição do desejo sexual”, sendo substituído por Transtorno de Desejo Sexual Hipoativo após a 4ª edição. Já na 5ª edição, de 2014, a ausência sexual é classificada como Transtorno de Interesse/Excitação Sexual Feminino ou Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo. Importante lembrar que existem casos que se ajustam ao modelo de diagnóstico proposto pelo DSM, no entanto, resguardando as singularidades e

³² Sigla para Diagnostic and Statistical Manual Mental Disorders. Criado pela Associação Americana de Psiquiatria, como ferramenta de apoio na identificação e diagnóstico de possíveis transtornos mentais. Atualmente está em sua 5ª edição e em português foi traduzido como Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

particularidades de cada indivíduo, nem todos os casos associados à assexualidade podem ser categorizadas dessa mesma maneira.

Na década de 80, Storms (1980) desenvolveu uma escala de orientação sexual em que contemplava a assexualidade como uma possibilidade. O autor identificou que a assexualidade estaria presente em indivíduos com baixo nível de atração sexual por ambos os sexos, enquanto as outras orientações sexuais se caracterizariam por elevada atração sexual e direcionamento do desejo para algum alvo específico (sexo oposto, para o mesmo sexo ou para ambos).

Paula Nurius (1983) foi uma das primeiras pesquisadoras a apontar a assexualidade como uma orientação sexual. Sua proposta era estudar a relação entre orientação sexual e saúde mental. Após analisar uma amostra de 689 universitários estadunidenses, concluiu que 5% dos homens e 10% das mulheres apresentavam baixo ou nenhum desejo sexual. Nurius também identificou que os assexuais são mais propensos a apresentar baixa auto estima e depressão, além de ter experimentado pequena ou nenhuma variação sexual (por exemplo: múltiplos parceiros, autoerotismo, entre outros.)

Bogaert (2004) analisou dados pré-existentes de um estudo demográfico sobre sexualidade com cerca de dezoito mil cidadãos britânicos, concluindo que 1% desses entrevistados “nunca se sentiram atraídos sexualmente por ninguém”. Esse recorte foi o ponto de partida para a produção de artigos acadêmicos exclusivos sobre a assexualidade. Em termos gerais, o site da AVEN traz de maneira hesitante, devido à falta de estudos mais consistentes, um possível paralelo entre os resultados publicados por Kinsey na década de 40 (que também identificou que 1% da população estudada não apresentava desejo sexual) e por Bogaert, sugerindo que talvez 1% da população mundial possa ser assexual.

Sobre a proliferação da identidade assexual, sabe-se que ela encontrou seu caminho para a visibilidade no mundo virtual. Em 2000, o grupo virtual hospedado no site Yahoo! “Heaven for the Human Amoebas”³³, inaugurou o primeiro fórum assexual conhecido. Naquela época, no entanto, o fenômeno ainda permanecia segregado devido a escassez de informações e definições. Não é à toa que os

³³ Este grupo ainda existe e pode ser localizado na internet mas, ante a expressividade e produtividade da AVEN, está inativo.

participantes do fórum se comparavam sexualmente à uma ameba, pois o assunto carecia de muitos estudos, inclusive de uma definição mais adequada e justa aos seus princípios. Um dos colaboradores desse grupo, David Jay³⁴, percebendo a progressiva adesão de participantes que se identificavam com a proposta assexual, criou a AVEN em 2001, que, como já informado, se transformou no principal portal virtual sobre o tema.

Lori Brotto (2010), usando a base de dados da AVEN, publicou um estudo sobre pessoas que se autodenominam assexuais envolvendo participantes exclusivamente deste *site*, num total de 187 pessoas, sendo 54 homens e 133 mulheres. O estudo qualitativo concentrava-se em perguntas relacionadas a vários aspectos sobre a falta de atração sexual, como frequência e comportamento sexual, características da personalidade, dificuldades sexuais, entre outros. Os dados revelaram que 73% nunca tinha se envolvido em atividade sexual, apesar de a maioria se autosatisfazer através da masturbação ou da manutenção de fantasias sexuais. Sobre as doenças psiquiátricas, o estudo sugeriu que não há correlação direta entre os participantes e depressão, embora mais da metade da amostra exhiba comportamentos de inibição e retraimento social.

Lemos (2011), pesquisadora portuguesa, também fez um estudo envolvendo participantes da AVEN, sendo um total de 85 indivíduos do sexo feminino assexuais e outros 85 mulheres não-assexuais (grupo de controle) com características similares referente a idade e escolaridade. Apesar de não ter encontrado evidências de depressão diferente daquela exibida pelo grupo controle, o grupo de mulheres assexuais apresentou nível maior de neuroticismo³⁵, sugerindo uma maior probabilidade em experimentar afetos negativos como tristeza, raiva, medo, repulsa e vergonha. Paralelamente, essas mulheres também apresentaram níveis mais baixos de extroversão (ou seja, exibem poucas interações sociais com maior necessidade de estimulação e menor capacidade para expressar alegria). Quanto à escala de conservadorismo, foi obtido que as mulheres assexuais apresentam maior

³⁴ David Jay é conhecido pelo seu ativismo assexual e é o principal nome por trás da AVEN. Tem 33 anos e seus esforços concentram-se na visibilidade política e na legitimação assexual.

³⁵ Neuroticismo é uma das classificações presentes na teoria que defende que existem traços de personalidade relativamente estáveis ao longo do tempo. Esses traços podem ser padrões habituais de comportamento, pensamento e emoção e são diferentes de estados emotivos, por exemplo, extroversão e introversão, neuroticismo, entre outros. No caso do neuroticismo, o indivíduo experencia afetos negativos como raiva, medo, repulsa, vergonha, etc.

tendência em deduzir que o aspecto principal do sexo é o coito, considerando outras práticas sexuais como a masturbação, sexo oral e anal como formas desviantes. Por fim, esse mesmo grupo apresenta um nível mais alto de crença religiosa do que o grupo controle. Portanto, o estudo de Lemos identificou que, apesar de existir traços de personalidade e valores pessoais que podem estar atrelados à assexualidade, esses números ficam muito próximos aos do grupo controle, sugerindo que o fenômeno assexual não se distancia patologicamente da população em geral.

5. A ASSEXUALIDADE COMO UMA IDENTIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Entendendo a assexualidade como uma luta política, sua conceituação desemboca no território das questões de gênero, sobretudo quando os seus membros se organizam em movimentos que reivindicam sua condição como uma “quarta orientação sexual” e reconhecimento dentro das políticas LGBTQIA³⁶.

Em 2008, David Jay da AVEN tentou dialogar com a Associação Americana de Psiquiatria com o objetivo de acomodar a assexualidade dentro da teoria de orientações sexuais, ao invés do diagnóstico clínico proposto pelo DSM (rótulo que força o fenômeno a se enquadrar em uma patologia). Ainda assim, a assexualidade permanece ocultada dos meios médicos e seus esforços pelo reconhecimento ainda dependem de muitos estudos e militância.

Em 2009, os membros da AVEN participaram pela primeira vez de uma parada de orgulho, aumentando sua visibilidade desde então. No Brasil, a primeira parada contou com menos de 20 pessoas e foi realizada em outubro de 2015³⁷. E, apesar da pequena expressão, a visibilidade assexual no Brasil está em ascensão e conquistando espaço na mídia.

Assim, pode-se inferir que a assexualidade passou de um pequeno grupo de apoio criado espontaneamente na internet para um gigante midiático, atraindo cada vez mais pesquisadores e inserindo-se discretamente na militância LGBT. Sua correlação com o movimento LGBT se dá no âmbito político e identitário. Primeiro

³⁶ LGBTQIA: proposta mais completa e inclusiva da diversidade sexual humana, composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Interssexuais e Assexuais.

³⁷ A primeira parada de Orgulho Assexual foi realizada em outubro de 2015. Matéria disponível em: <<http://noticias.r7.com/saude/assexuais-eles-nao-fazem-sexo-e-nao-sentem-a-menor-falta-28102015>>. Acesso em: 4 nov 2015

porque, tal como o ativismo LGBT, os assexuais também entendem sua condição como inata. Segundo porque se organizam em passeatas, adotam símbolos e bandeiras de identificação. Terceiro porque acredita que a sociedade não os entendem e nem os aceitam, segregando-se em grupos que tentam combater a hegemonia sexual.

Sobre orientação sexual, Simões & Facchini (2009) a definiriam como o objeto de desejo de uma pessoa, que pode ser heterossexual, homossexual e bissexual. No entanto, esses autores ressaltam que a orientação sexual não “implica consciência, nem intenção, tampouco descreve necessariamente uma condição” (2009, p.29). Desse modo, o entendimento sobre orientação sexual se presta a vários entendimentos e usos. Dentro do ativismo LGBT, ela é vista como uma “condição”, algo que é próprio da pessoa e indissociável da personalidade.

Como observado por Simões & Facchini (2009), o entendimento da orientação enquanto uma “condição inata” atende a lógica das políticas de identidade. Na luta LGBT, essa argumentação é usada como arma contra os setores conservadores que correlacionam a homossexualidade com alguma doença ou desvio. No entanto, distante das justificativas essencialistas, não se pode afirmar que a orientação sexual “seja algo que se consolide e se fixe definitivamente em um determinado período da vida para todas as pessoas, embora isso venha a ser relatado com grande frequência.” (2009, p. 31).

Dentro dessa análise, é possível entender o assexual melhor, justamente porque uma de suas principais características – além da ausência de atração sexual – é sua plasticidade. Entender que aquilo que é conceituado como orientação sexual pode não ser fixa e variar de acordo com o desejo subjetivo de cada indivíduo, faz sentido ao assexuais que transitam entre as possibilidades sexuais.

E esses assexuais capazes de transitar, de criar uma sexualidade de acordo com sua singularidade, são importantes para romper a fronteira das explicações reducionistas, pois

desejo, comportamento e identidade são componentes da orientação sexual que não caminham necessariamente da mesma maneira e na mesma direção. As possíveis conexões entre o desejo que uma pessoa sente, o seu comportamento sexual e o modo como ela percebe a si mesma são, em grande parte, frutos das convenções, contingências e constrangimentos sociais que a cercam em sua trajetória. É possível sentir desejos homossexuais sem manter relações homossexuais, assim como praticar relações homossexuais sem se considerar homossexual ou bissexual.(SIMOES & FACCHINI, 2009, p. 32)

Desse modo, é possível pensar em sexualidade sem sexo ou sentir desejo e atração sexual sem precisar do ato em si como destino “final” da libido.

Contraditoriamente, no entanto, as comunidades reforçam que ser assexual é uma condição inata e não transitória. Por conseguinte, este cenário assume a assexualidade como uma identidade, necessária para o sujeito se empoderar de sua potência e conseguir viver em meio as forças reativas que o impedem de ter uma sexualidade.

O manifesto a seguir, por exemplo, faz parte de um livro escrito por um assexual e aposta na desconstrução ao expor aquilo que a assexualidade *não é* no intuito de lançar luz sobre o tema. Tal como um manifesto, o caráter do texto tem cunho político e reivindica respeito e compreensão

Eu sou Assexual
 Eu não me sinto sexualmente atraído por ninguém.
 Nem homens. Nem mulheres.
 Isso é tudo.
 Eu não sou gay. Eu não sou hetero. Eu não sou bi.
 Eu não sou nenhuma das opções acima.
 Assexualidade é real.
 Não é falsa.
 Não é um problema hormonal.
 Não é uma maneira de fugir de um relacionamento ruim.
 Não é uma condição física.
 Não é uma tentativa de chamar a atenção.
 Não é uma incapacidade de fazer sexo.
 Não é uma incapacidade de amar.
 Não é uma maneira de ser “especial” .
 Eu não me importo se você faz sexo.
 Eu não me importo se você não o faz.
 Eu não quero te envergonhar.
 Eu não quero te converter.
 Eu não quero te recrutar.
 Eu só quero que você me entenda.³⁸ (Asexuality: A Brief Introduction.
 Tradução minha)

Nesse caso, o autor se enquadra no entendimento literal da assexualidade, assumindo não sentir atração sexual alguma. Ele poderia ser entendido – dentro da identidade assexual – como um “arromântico”. Sobre isso, as comunidades

³⁸ Do Inglês: "I am Asexual. I don't feel sexually attracted to anyone. Not men. Not women. That's all it is. I'm not gay. I'm not straight. I'm not bi. I'm none of the above. Asexuality is real. It's not fake. It's not a hormone problem. It's not a way of running from a bad relationship. It's not a physical condition. It's not an attention grab. It's not an inability to have sex. It's not an inability to love. It's not some way to be "special". I don't care if you have sex. I don't care if you don't. I don't want to shame you. I don't want to convert you. I don't want to recruit you. I just want you to understand me." Disponível em: < <http://www.asexualityarchive.com/wp-content/uploads/2012/05/AsexualityABriefIntroduction.pdf>>. Acesso em: 10 jun 2015

oferecem um catálogo de nomenclaturas correspondentes ao nível de envolvimento afetivo/sexual de cada membro.

Assexuais "românticos", "*arromânticos*", "*gray-A*", "*demissexual*", etc. se combinam com as demais orientações sexuais, consequentemente podendo ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou até pansexuais. Mas, como enfatizado pela A2, existe um "relativo consenso de que essas classificações são importantes em um plano didático, mas que não são essenciais na busca do autoconhecimento de cada assexual. (A2, 2014).

Considerando essa amplitude de opções, quase todos os fóruns e sites especializados mantêm uma seção de perguntas e respostas, com a meta de esclarecer, por exemplo, se masturbação é "permitido", se beijar "pode" ou se existe algum problema em ser homossexual, além de inúmeras outras dúvidas sobre a *ethos* assexual. E, surpreendentemente, a resposta para todas essas questões é afirmativa; não há problema algum em ser um assexual que se masturba, que beija e que sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo.

Outro fator associado a assexualidade é o entendimento de que há uma diferença entre atração sexual, atração romântica e atração estética³⁹. A primeira é de orientação libidinal voltada para o ato sexual. A segunda é voltada a intimidade emocional, sem envolver sexo (por exemplo, casais que mantêm um relacionamento de profundo compromisso, respeito e amor sem a necessidade de performance sexual ou casais que perderam o interesse sexual, mas não o vínculo afetivo). Já a atração estética é voltada a exaltação de algo atraente puramente no plano físico.

Sobre isso, Bogaert (2012) traz em seu livro que para os biólogos e cientistas da área, a atração romântica e atração sexual são potencialmente processos independentes governados por sistemas cerebrais diferentes e o funcionamento romântico, tal como os laços afetivos, são recentes em nossa história evolutiva sendo os mecanismos relacionados à reprodução e ao sexo ligados ao cérebro reptiliano⁴⁰, considerado mais primitivo e atuante nas funções básicas de sobrevivência. Essa separação entre sexo vs. afeto pode ser resumido pela frase de

³⁹ Disponível em <http://a2forum.forumeiros.com/h1-glossario>. Acesso em 20 mai 2016

⁴⁰ Cérebro reptiliano ou Complexo-R é o nome dado pelo neurocientista Paul MacLean no livro "The triune brain evolution". Refere-se a estrutura primitiva do cérebro presente nos humanos, formado pelo tronco encefálico e cerebelo, responsável pelas funções de auto-preservação e agressão.

Oliveira⁴¹ “Se existem muitas pessoas fazendo sexo sem amor, por que não é possível existir amor sem sexo?”.

Bogaert (2012) adiciona que a “ausência de atração sexual não é a mesma coisa de ausência de atração romântica, e assexual não é sinônimo de aromântico.”⁴². Sendo assim, o leque das possibilidades assexuais se amplia em diversas classificações e, apesar de sua utilização ser particular e restrita a cada sujeito, não há uma obrigatoriedade se identificar como tal, afinal essas rotulações não podem ser entendidas como “como meios de identificação obrigatórios e muito menos como uma síntese exata e perfeita da diversidade assexual, pois elas não o são, já que não conseguem abranger todos os assexuais.” (A2, 2014).

importante saber que a assexualidade não é uma fórmula, e que estas questões, por mais que tenham respostas prontas, têm como objetivo libertar a pessoa de ideias pré-determinadas e preconceituosas. Então, esse é apenas o primeiro passo. A assexualidade é uma questão bastante ampla e complexa para se limitar. Acessível em <Assexualidades.org>

Essa observação da A2 é especialmente útil, sobretudo porque o uso dessas classificações podem interromper o processo vital, justamente porque rotulam o indivíduo, dizimando potências e devires. A catalogação faz parte da lógica essencialista que alicerça a militância LGBT.

Ainda assim, é comum observar nos fóruns pessoas gratas por encontrarem uma “classificação”, justamente porque esse viés identitário, conferem-lhes um certo alívio por encontrar apoio em outras pessoas parecidas consigo. Por esta razão, abaixo estão as descrições das classificações mais comumente usadas.

5.1 Classificações

5.1.1 Românticos

Para as comunidades, o assexual romântico é aquele pode se apaixonar e ter um interesse romântico por outra pessoa sem contato sexual. O sufixo “-romântico” é utilizado ao invés do “-sexual” para não confundir as subclassificações da assexualidade com as orientações sexuais tradicionais.” (A2, 2014).

⁴¹ Entrevista de Elisabete Regina de Oliveira, autora do doutorado “Minha Vida de Ameba”, disponível em <<http://tab.uol.com.br/assexuais/>>

⁴² Do inglês: “[...] a lack of sexual attraction is not the same as a lack of romantic attraction, and *asexual* is not synonymous with *aromatic*.” p.13

Tal como em um casamento, o assexual romântico mantém vínculos afetivos e duradouros, porém sem a necessidade da presença de sexo. E, por se tratar de um relacionamento, os assexuais românticos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais e até pansexuais.

Desse modo, pode-se identificar dentro do assexuais românticos os seguintes tipos:

Heterorromântico – interesse romântico, exclusivamente não-sexual, voltado para pessoa do sexo oposto;

Homorromântico - interesse romântico, exclusivamente não-sexual, voltado para pessoa do mesmo sexo;

Birromânticos - interesse romântico, exclusivamente não-sexual, voltado para pessoa de ambos os sexos;

Panromânticos – interesse romântico, exclusivamente não-sexual, voltado para além da idéia binária de gêneros;

5.1.2 Arromânticos

Subclassificação do assexual que não sente atração ou ligação romântica com outras pessoas. É o caso de pessoas que não desejam um relacionamento.

5.1.3 Gray-A

O nome faz uma referência à bandeira Assexual, que conceitua a cor cinza como a característica daquele que está “entre” a assexualidade e a sexualidade. Em termos generalizados, a comunidade assexual os entende como “semi-sexuais”. Os Gray-As podem sentir atração sexual e praticar sexo eventualmente conforme sua vontade e não precisam estar em um relacionamento para que isso ocorra. O “A” vem da abreviatura de “Aces” que também significa assexual. Podem ser também heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

5.1.4 Demissexual

Assim como os Gray-As, os demissexuais também são “semi-sexuais” e podem alterar entre momentos sexuais e assexuais. No entanto, o demissexual

precisa estar envolvido em um relacionamento afetivo com alguém para exibir performance sexual. Esses indivíduos podem sentir atração sexual esporadicamente ou exclusivamente quando formam fortes laços afetivos e românticos com outras pessoas.

5.1.5 *Lithromânticos*

Os lithromânticos vivem em uma esfera platônica de suas paixões. Costumam criar fantasias e idealizar situações que não serão concretizadas no mundo real.

5.1.6 *Bandeira e Símbolos Assexuais*

O movimento assexual identifica em suas comunidades símbolos referentes a legitimação política e divulgação da assexualidade como um todo.

Em 2010, a Aven fez uma pesquisa com seus participantes para eleger um símbolo gráfico que representasse a luta assexual. Além do triângulo invertido (que é o logo da AVEN, figura 1.1), foi-se escolhido uma bandeira composta por quatro cores (figura 1.2 e 1.3). A cor preta está relacionada a ausência de desejo e prática sexual, o cinza representa o estado intermediário “semi-sexual”, a branca evidencia o desejo e a prática sexual comum na população em geral e, por fim, o roxo é a cor da identificação assexual como uma comunidade política.

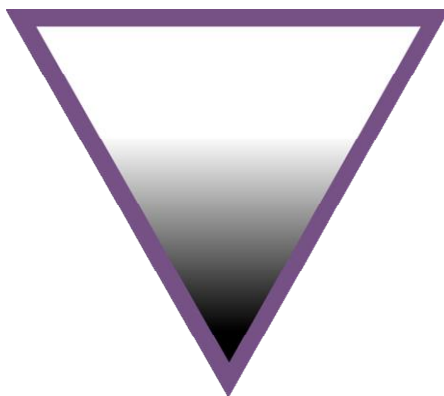


Figura1.1 Triângulo invertido, símbolo da Aven (Fonte: Aven)



Figura 1.2. Bandeira Assexual 1 (Fonte: AVEN)



Figura 1.3 Bandeira Assexual 2 (Fonte:Censo Ace BR)

Outros símbolos associados ao movimento são o desenho de um bolo (indicando que os assexuais preferem “bolo” à sexo, figuras 1.4 e 1.5) e o anel preto (que deve ser usado no dedo médio). O caráter identitário da assexualidade a transforma, dessa maneira, em um comércio sustentado pela lógica do “orgulho assexual”. Em uma busca simples na internet é possível encontrar camisetas, chaveiros, canecas, adesivos e outros objetos com alguma referência ao mundo assexual.



Figura 1.4. “Eu amo bolo”, símbolo da assexualidade. (Fonte: AVEN)

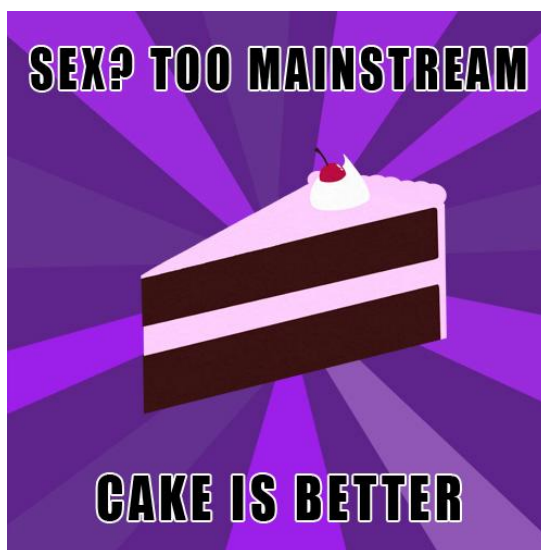


Figura 1.5. Propaganda assexual. (Fonte: <https://noustuff.wordpress.com/2012/07/10/cake-is-better-than-sex-the-case-of-asexuality/>)

A AVEN identifica uma pluralidade de expressões e outros constructos que se aproximam da identidade assexual, mas que ainda não representam o propósito defendido por eles. Os termos⁴³ a seguir, por exemplo, podem ser confundidos com a assexualidade, tal como a ideia de *asociality* (conceito que representa a falta de interesse em relacionamentos em geral); *antisexualism* (que descreve aquele que é contra qualquer atividade sexual); *sexless marriage* (casamento com pouca ou nenhuma performance sexual); *sexual Anorexia* (perda do "apetite" sexual e por

⁴³ Esses termos ainda não foram traduzidos para o português.

relacionamentos) mas não se integram ao movimento assexual tal como reivindicado politicamente.

Desse modo, a publicidade e militância, só reforçam o caráter essencialista e identitário da assexualidade, copiando a mesma lógica dos estudos de gênero. Scherrer⁴⁴ (2008) fez uma pesquisa com membros da AVEN em que concluiu que a identidade assexual tem uma relação muito próxima aos discursos usados nas militâncias LGBT. Isso porque, os assexuais pesquisados tendiam a usar de um caráter essencialista para se autodefinir, descrevendo a si mesmos como “naturalmente assexuais” ou, como frisado pela autora, usando a expressão “sempre fui assim”⁴⁵

Bem, eu sempre fui assim. Mesmo os meus amigos sabiam que eu era diferente – eles até evitavam tópicos sobre como alguém é “bonito” comigo porque eles estavam cientes que eu não conseguiria entender. Embora eu tenha ouvido o termo “assexual” sendo usado dessa maneira em torno de um ano atrás, eu ouvi isso e isso se encaixa comigo. C., 24 anos, mulher⁴⁶ (SCHERRER, 2008)

A autora reitera que o caráter essencialista garante um alívio ao sujeito, que se “descobre” como um assexual, tal como a revelação de uma verdade intrínseca que sempre existiu para ele. Desse modo, a nomenclatura “assexual” é um veículo identitário em que a assexualidade pode transitar e existir.

Assim, os esforços em legitimar a assexualidade como uma quarta orientação sexual⁴⁷ e incluí-la dentro da política LGBTQIA faz sentido. Ademais, Scherrer observa que existem similaridades entre a assexualidade e outras minorias sexuais. Primeiramente porque a assexualidade está associada historicamente com comportamentos sexuais desviantes. Segundo porque sua falta de visibilidade e notoriedade é uma barreira para sua inclusão e, nesse caso, os assexuais se sentem segregados, agrupando-se em redes de apoio, onde podem ser

⁴⁴ Kristin Scherrer, socióloga da Universidade de Michigan, EUA. Em 2008 recrutou através da AVEN 102 pessoas assexuais com idades entre 18 e 66 anos, com o objetivo de descrever o significado de ser assexual, seus comportamentos e interesses e a caracterização essencialista da assexualidade.

⁴⁵ Tradução minha. Scherrer destaca o uso da expressão “this way” ou “desse jeito”. O importante é o caráter essencialista que a expressão carrega.

⁴⁶ Do inglês “Well, I've always been this way. Even my friends knew I was different - they even avoided topics about how 'cute' someone is with me because they were aware I couldn't understand. Though, I've heard the term 'asexual' used in this way, somewhere around a year ago [I heard it] and it fit well with me.”

⁴⁷ Disponível em < <http://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/health-news/asexuals-the-fourth-sexual-orientation-8060092.html>>. Acesso em 21 mai 2016

compreendidos e aceitos. Por fim, porque entendem sua (a)sexualidade como algo natural, inata e própria de si.

Ainda que Scherrer encontre justificativas para aproximar a assexualidade das outras minorias sexuais, sua conceituação como uma outra orientação sexual esbarra em questões mais complexas sobre gênero e identidade. Souza Filho (2009) problematiza que no imaginário popular, pessoas de diferentes orientações sexuais⁴⁸ carregam “algo” que precisa ser esclarecido, se tornando objeto de especulações e fantasias. Isso acontece pois a sociedade naturaliza o sexo heterossexual e busca “causas” e “explicações” para outras orientações sexuais.

Aliás, se na mesma proporção em que se falou ou escreveu sobre as “causas específicas” (a psicogênese) da homossexualidade tivessem sido produzidas teorias que buscassem as “causas específicas” da heterossexualidade, talvez nossa época não continuasse mais a destacar a homossexualidade como uma sexualidade à parte e não mais sealaria nem se escreveria sobre o assunto. (SOUZA FILHO, 2009, p. 62)

Souza Filho defende que esse tipo de discurso biológico interrompe os processos subjetivos, sociais e históricos quando reduz o sujeito a um objeto determinado exclusivamente pela instância biológica. Desse modo, a ciência não veria a pluralidade sexual em outros termos além de uma característica causada por um fator neurobiológico. O autor lembra que muitos testes realizados em modelos animais chegaram a conclusões que corroboram o viés científico. Não seria diferente com a assexualidade.

Portillo e Paredes (2011) trazem exemplos de modelos animais que documentam similaridades com a assexualidade. Seus estudos comprovaram a existência de espécies de mamíferos - a saber, ovelhas, *hamsters* e ratos - em que entre 1% a 5% dos machos, aparentemente normais, não desempenhariam o padrão de conduta sexual esperado, mesmo sendo estimulado sexualmente por fêmeas receptivas. Esses machos, denominados de “não copuladores” (NC), se equivaleriam aos assexuais. A explicação nesse caso, é que o cérebro dos mamíferos NC teria uma estrutura cerebral diferente dos mamíferos copuladores (C). Enquanto os copuladores teriam uma maior área pré-optica do hipotálamo –

⁴⁸ O autor fala em seu texto especificamente sobre a homossexualidade. Como este capítulo pretende descrever a assexualidade dentro do território LGBTQIA, o artigo de Souza Filho foi entendido também como um reforço na compreensão da assexualidade como uma outra orientação sexual.

estrutura que atua diretamente no comportamento sexual – os NCs apresentariam o inverso, ou seja, uma área menor.

Ainda que Portillo e Paredes reconheçam a limitação da comparação de modelos animais com o homem - que tem uma dimensão psicológica diferente - eles reforçam que estatisticamente a estimativa de mamíferos NC é próxima da porcentagem de assexuais⁴⁹, sugerindo que há algum componente biológico comum às espécies que justificaria a ausência de atração e comportamento sexual.

Esse tipo de pesquisa - apesar de possuir sua importância na área da neurobiologia - no âmbito social, cultural e subjetivo, no entanto, só reforçaria determinismos. Usando-se este discurso biológico, o assexual seria entendido como alguém que nasceu diferente, sentenciado pela natureza de sua estrutura cerebral.

Outros estudos, dentro do circuito biológico, sugerem que o assexual talvez possua algum tipo de desequilíbrio hormonal, necessitando de alguma terapia médica e psicológica. Apesar de muitos médicos evitarem generalizações e apresentarem seu discurso com muita cautela, suas explicações mais comuns sobre a falta de desejo sexual, se restringem a esse modelo científico. Por isso, é comum que médicos entendam a assexualidade como um desajuste neuroquímico, pois

Ao ser submetido a um estímulo, neurotransmissores acionam o hipotálamo. Essa região do cérebro, responsável pelas emoções, então libera hormônios no sangue que provocam a sensação de prazer e despertam o desejo. Se há um desequilíbrio hormonal ou um desajuste dos neurotransmissores, pode ocorrer perda do apetite por sexo. (SPIZZIRRI, 2016)⁵⁰

Assim, há um discurso regulatório que naturaliza a falta de atração sexual. Não se exclui, no entanto, que a assexualidade possa estar emaranhada às explicações médicas. Ainda que esse seja o caso, o discurso médico serviria como um mecanismo que justificaria - ou possibilitaria a significação - de uma sexualidade não hegemônica. Justamente porque a falta de atração sexual não é vista como algo singular e sadio, mas sim como um estado que precisa de cura ou alguma elucidação científica.

⁴⁹ Segundo Kinsey (1948) e Boagert (2004), 1% da população estudada poderia se enquadrar no espectro assexual. Estima-se, portanto, que essa mesma taxa da população em geral também seja assexual.

⁵⁰ Entrevista concedida por Giancarlo Spizzirri, médico psiquiatra do Hospital das Clínicas para a Revista SuperInteressante, n. 358, mar 2016.

Para Souza Filho

Embora a procura por explicar os fenômenos humanos a partir de bases biológicas não seja um fato atual na história da ciência, a onda do determinismo biológico tem permitido retornar, com muita aceitação e difusão pelas mídias, explicações biologizantes de realidades sociais e fenômenos culturais. (2009, p.62)

Esse mesmo autor, explica que como a sociedade conservadora não consegue impedir os avanços e conquistas das minorias sexuais, a estratégia seria então deslocar as diferenças para um terreno aceito, portanto, para o terreno dos cientificismos, transformando-as em “natureza natural”⁵¹. Desse modo, o preconceito e o conservadorismo da sociedade se reinventam nessa equação, tornando aquilo que é visto como um “desvio” algo tolerável.

Não obstante essa biologização ser produzidas por setores conservadores e cientificistas, ela também é corroborada pelas minorias sexuais, que entendem que sua condição é inata, fixa e imutável. Esse raciocínio, de que o sujeito “nasce assim”, interrompe um outro processo no entendimento sobre a sexualidade, em que também é possível

compreender as chamadas orientações sexuais como escolhas do erotismo, da sensualidade, do desejo, sempre subjetivas e singulares, nem estáveis nem absolutas, e, portanto, que podem ser traduzidas como eleições, opções, preferências do desejo individual. A orientação sexual é uma prática no sentido também que cada um, exercitando-se, experienciando, constrói, menos ou mais conscientemente, sua vida erótica, seu regime de prazeres. (SOUZA FILHO, 2009, p.65)

Desse modo, a discussão sobre o gênero e orientação sexual é obstruída por esse dispositivo que tenta essencializar o desejo. Essa questão é importante justamente porque a assexualidade, como já exposto, é polimorfa e flexível, exceto nos casos em que o assexual manifesta que sua condição é definitiva.

6. ASSEXUALIDADE: DISCRIMINAÇÃO E AS LUTAS POLÍTICAS.

Como esclarecido, o movimento assexual tenta legitimar-se politicamente como uma quarta orientação sexual distinta da heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade, defendendo que ela é uma condição e não

⁵¹ De acordo com Souza Filho, a expressão é empregada com frequência na obra de Pierre Bourdieu. Na sociologia é usada para corresponder à uma inversão mágica em que a realidade social ganha status de realidade da natureza natural.

uma escolha, ainda que em alguns casos a assexualidade esteja mais ligada a fatores subjetivos e a critérios singulares. Apesar de nem todos os assexuais acharem necessário essa validação, a maioria entende que há uma batalha implícita contra a heteronormatividade, forçando a assexualidade se assumir como tal e estabelecer-se dentro do circuito LGBT.

Para Munárriz (2010), os assexuais se consideram diferentes e estigmatizados, tal como foram os homossexuais. Eles se sentem vítimas da opressão social e acreditam que são desprezados pela população em geral.

Isso acontece porque a assexualidade não é entendida totalmente, dando margem à várias interpretações. Em 2012, MacInnis e Hodson⁵² observaram que a maioria dos estudos sobre o tema focavam-se majoritariamente na conceituação sobre a assexualidade, ignorando os aspectos relacionados à discriminação e ao preconceito. MacInnis e Hodson justificaram que isso se deveu ao fato da assexualidade estar elencada, até pouco tempo, ao cenário das patologias, não sendo valorizada como uma orientação sexual possível ou uma manifestação saudável da sexualidade humana. Ademais, a assexualidade era acobertada pelas formas aceitáveis dentro da sociedade, como celibato, castidade e outros modos de assumir uma vida sexualmente não ativa.

Com o surgimento dos movimentos de visibilidade assexual, no entanto, essa “normalidade” enclausurada no terreno da abstinência foi posta à prova, ao exibir contornos singulares e subjetivos que transcendiam o entendimento da assexualidade como uma forma de “espiritualidade”, “paz interior” ou qualquer adjetivo relacionado ao celibato. Rompendo o discurso regulador, que entende a sexualidade como uma das atividades primárias que caracterizam a humanidade, os assexuais se tornaram atípicos frente as outras orientações sexuais, causando estranheza tanto nos grupos heterossexuais quanto nos grupos entendidos como minorias sexuais. Sobretudo porque todas as outras orientações sexuais são determinadas pelo direcionamento do desejo sexual e pelo *fazer* sexual, enquanto a assexualidade se caracteriza justamente pelo oposto.

MacInnis e Hodson (2012) entendem que a assexualidade poderia passar despercebida e indiferente pelos grupos heterossexuais, visto que sua expressão

⁵² Pesquisadores da Brock University, Canadá.

não se caracteriza por uma sexualidade desviante ou algum tipo de tabu. Mas isso não é o que acontece na prática, pois a assexualidade é vista com bastante rejeição e interpretada negativamente. O estudo elaborado por esses pesquisadores reuniu participantes heterossexuais, homossexuais, bissexuais e assexuais e concluiu que os assexuais são entendidos como “pouco humanos” ou que negam sua “humanidade”⁵³.

A tendência em “desumanizar” esses grupos é advinda da idéia que todos os indivíduos são norteados por uma bússola instintiva conhecida como “natureza humana” e que os grupos diferentes do padrão sexualizado são vistos como desviantes ou “máquinas”.

O estudo também identificou que dentro “das minorias sexuais, os homossexuais foram avaliados mais positivamente, seguido dos bissexuais, sendo os assexuais avaliados mais negativamente do que os demais grupos.”⁵⁴. Apesar de não considerar os índices de violência, rejeição e preconceito que sofrem os homossexuais e bissexuais, o estudo de MacInnis e Hodson destaca que os grupos assexuais são também rejeitados e sofrem preconceitos justamente porque são entendidos como “estranhos” e “ausentes” de algum componente tipicamente “humano”.

Kristina Gupta (CERANKOWSKI, 2014, p. 285-286) teoriza que na sociedade ocidental, o sexo e a sexualidade geralmente são entendidos como o centro daquilo que nos torna humanos. Nesse contexto, negar a sexualidade é o mesmo que sugerir que falta no indivíduo alguma característica fundamental humana. Enfim, é duvidar da humanidade, inaugurando um mito: se a pessoa não expressa sua sexualidade, é um incapacitado que precisa de ajuda.

Munárriz (2010), entrevistou alguns alunos da própria universidade que não se consideravam assexuais para avaliar suas opiniões sobre o tema. O resultado consolidou aquilo que já permeiava o imaginário popular, de que sexo é uma necessidade. Munárriz se deparou com declarações que abrangiam desde um certo ceticismo até patologização. Um estudante declarou que “se não se pratica sexo,

⁵³ Do inglês: “less human” e “humanness” (p. 728)

⁵⁴ Do inglês “Within sexual minorities, homosexuals were evaluated most positively³, followed by bisexuals, with asexuals being evaluated most negatively of all groups”.

acaba ficando mal de cabeça”, outro de que isso “é impossível” ou que não consegue imaginar alguém jovem e assexual⁵⁵

Munárriz (2010) selecionou especialmente uma declaração, a qual considerou a opinião majoritária sobre o tema:

A assexualidade é algo absurdo, impossível, já que a sexualidade está ligada ao ser humano. Apenas se a pessoa nasceu com um defeito genético ou por alguma experiência científica tenha inibido seu desejo sexual, caso contrário, é totalmente impossível a existência desta corrente sexual. Eu não acho que existem assexuais.⁵⁶ (MUNARRIZ 2010, p.7)

Partindo desta premissa, o autor elaborou um questionário simples que contou com a participação de 145 estudantes (66 homens e 79 mulheres). Seu objetivo era verificar se existiam assexuais em sua universidade, qual o nível de conhecimento dos entrevistados sobre o tema e estabelecer uma definição aproximada sobre assexualidade. O questionário proposto apresentava as seguintes alternativas no campo sobre orientação sexual: heterossexual, homossexual, bissexual e assexual. Munárriz teve como retorno que nenhum de seus 145 participantes se declaravam como assexuais no sentido estrito, apesar de terem escolhido entre as demais orientações sexuais propostas. Outras perguntas exploravam o nível de conhecimento dos participantes sobre o tema e o quanto eles tinham interesse sexual. O autor concluiu que a assexualidade não era muito conhecida pela sua amostra, mas que todos seus participantes tinham um alto interesse pela atividade sexual. Um dos poucos estudantes que afirmou conhecer a assexualidade, teorizou que:

Considero que a sexualidade é uma parte fundamental do ser humano, é algo natural que permite a preservação da espécie. A assexualidade poderia se relacionar com o medo. Talvez o medo do desconhecido e os riscos do sexo. Não é adaptativo, falando de um ponto de vista filogenético, por isso deveria se perguntar qual motivo que leva uma pessoa a ser assexual (MUNÁRRIZ, 2010)

⁵⁵ Do espanhol: "No me imagino a uma nenica de 18 años asexual". Otro me decía: "Eso es contradictorio porque todas las personas tienen sexo y deseos sexuales ¡Imposible!". Una persona entrevistada que me pidió que le explicase más detenidamente qué es la asexualidad me dijo: "Si no practicas el sexo acabas mal de la cabeza".

⁵⁶ Do espanhol: "La asexualidad es algo absurdo, imposible, ya que la sexualidad va ligada al ser humano y solo por nacer con un defecto genético, o que por un experimento científico se haya inhibido el deseo sexual, de lo contrario es totalmente imposible la existencia de esta corriente sexual. Yo no me creo que haya asexuales".

Assim, não obstante se autoreconhecer como um assexual, o indivíduo também precisa enfrentar esse terreno inóspito do estereótipo, do preconceito, da segregação e do isolamento. Por isso que, apesar de grande expressividade midiática, ainda é incomum um sujeito se declarar abertamente como assexual.

Na comunidade brasileira há uma pesquisa⁵⁷ questionando se o sujeito “já saiu do armário”. Dos 99 participantes, 42% declararam que ainda não haviam se assumido, seguido por 47% que havia se assumido para poucos amigos e/ou familiares e somente 7% revelaram que “sim, para qualquer um que queira ouvir”.

Os relatos⁵⁸ abaixo, obtidos dentro do fórum, apontam que o assexual prefere manter uma postura evitativa frente sua sexualidade por diversas razões. Um dos motivos bastante controverso é ser confundido com outras minorias sexuais. Outros referem-se ao padrão sexual normativo, que os assujeitam a um discurso de ordem médica ou social, muitas vezes inferindo que a assexualidade tem a ver com a maturidade do indivíduo, alguma “fase” de desenvolvimento psicosssexual ou a constatação de que ele ainda “não encontrou a pessoa certa”.

Apenas mencionei com um amigo meu, mas ele não me levou a sério. Mencionei a minha mãe que eu não quero ter filhos, imediatamente ela já assumiu que eu era gay (ela literalmente perguntou se eu era gay). (X., sexo masculino, 18 anos)

Tenho medo de que se eu assumir que sou assexual, as pessoas vão falar que eu sou apenas um gay enrustido e frustrado, ou que sou virgem, ou que sou burro e não sei do que estou falando, ou que sou um bosta que não consegue pegar mulher(mesmo que eu já tenha pego muita mina e tenha transado várias vezes), ou assumir outra coisa maldosa, mas me levar a sério sei que não vão.[...] no meu caso acabam me julgando de gay (sic) (L.N., sexo masculino, 20 anos)

Acho um negócio muito íntimo (pra se contar pra pessoas com quem não planejo ter nada rs), mas já cheguei a assumir pra amigos e fui ridicularizado com uns comentários bem escrotos do tipo “vc só não achou alguém”, “se vc já transou então não é”. De fato eu tive alguns relacionamentos e tentei até o último momento gostar mas fazer o que se eu não gosto disso. Anônimo

Não falo pra ninguém, do jeito que o povo é aqui, vai dizer que assexual é o cara que curte outro cara (homossexual). Complicado isso. (B.F., sexo masculino, 36 anos)

Não tenho ninguém não-assexual de confiança pra contar. Por enquanto só amigos assexuais sabem. (E.N., sexo feminino, 30 anos)

⁵⁷ Dados coletados de “Você já saiu do armário?”. Disponíveis em < <http://www.forumassexual.org/t68-voce-ja-saiu-do-armario>> e < <http://www.forumassexual.org/t2534-alguem-ja-assumiu-abertamente-querer-dizer-a-propria-assexualidade>> . Acesso em: 15 jun 2015

⁵⁸ Ibidem

Não, apenas 3 pessoas conhecidas pela internet que sabem, mas família e amigos, ninguém. Infelizmente todos ao meu redor falam de sexo e sacanagem frequentemente, e acho melhor nem tocar no assunto. (Y., sexo masculino, 23 anos)

Eu só contei para pessoas próximas e no geral agiram bem. Mas tenho a sensação de que eles acham q é "frescura" ou que é só uma fase. Contanto que não me encham o saco ta blz (*sic*). (X, sexo feminino, 21 anos)

Considerando a dificuldade em entender a assexualidade, as pessoas que vivem fora do fenômeno julgam-na de maneira rigorosa e limitadora, discriminando-a tal como os homossexuais, num cenário que lembra o início das lutas políticas contra o preconceito LGBT. Em 2012, o Jornal Folha de São Paulo publicou matéria com Elizabeth Abbott⁵⁹, pesquisadora canadense e ativista assexual que observou, baseada em sua vida, que "os assexuados são os novos gays. A exemplo dos homossexuais na década de 1970, eles são vistos como doentes e sofrem punições sociais por suas escolhas". Julie Decker⁶⁰ também revelou o quanto é difícil se assumir e como as pessoas a forçam a desempenhar um comportamento imposto pela heteronormatividade, a ponto de já ter sido vítima de diversas ameaças de estupro corretivo e outras formas de intimidação: "Ele estava basicamente dizendo que eu estava de alguma forma quebrada e que ele poderia me reparar com a língua e, teoricamente, com seu pênis".

Outra pesquisa⁶¹ lançada no Fórum A2 tinha o objetivo de saber se seus membros são ou não favoráveis à visibilidade. Poucos (16 dos quase 2 mil membros) participaram. Desses, 81% concordou que a assexualidade precisa de mais divulgação e legitimação política. Um dos participantes frisou que é favorável pois:

[...] Só quero que um dia:
Eu não precise esconder ao resto do mundo que sou Assexual.
Não seja confundido com outras orientações, eu SOU Assexual.
Possa ser considerado saudável e não portador de uma patologia.
Ninguém me veja como alguém possuidor de mal caráter porque sou Assexual.
Consiga deixar de ser considerado incapaz pra adotar uma criança porque

⁵⁹ Reportagem publicada pelo Jornal Folha de São Paulo em 27 de março de 2012. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/33595-assexuados-sao-os-novos-gays.shtml>> . Acesso em: 10 jun 2015

⁶⁰ Depoimento disponível em: http://www.huffingtonpost.com/2013/06/20/asexual-discrimination_n_3380551.html. Do inglês: "He was basically saying that I was somehow broken and that he could repair me with his tongue and, theoretically, with his penis.". Acesso em 15 jun 2015

⁶¹ Dados coletados em: <http://a2forum.forumeiros.com/t460-visibilidade-assexual-entendendo-os-porques>. Acessado em 24 fev 2016.

sou Assexual.
 Não ser discriminado quando for arranjar um emprego porque sou Assexual. Na verdade eu sou favorável de visibilidade de tantas outras mil coisas, conhecidas e desconhecidas, mas tenho o sentimento que existe uma parcela de pessoas que adoram fazer "prioridades" e que ser simplesmente um humanista é ser "utópico demais"... (K, sexo masculino, sem idade divulgada)

Portanto, a militância assexual é uma realidade que necessita da visibilidade e consideração dentro das políticas sexuais.

7. ABORDAGEM *QUEER* E NOVAS CONFIGURAÇÃO NO ENTENDIMENTO SOBRE A ASSEXUALIDADE

A assexualidade é um desafio à compreensão, justamente porque nossa sociedade está presa a um padrão de pensamento que só consegue entender binarismos, o *é* ou o *não é*. E, no âmbito da sexualidade, o *fazer* diante do *não fazer*. Mas e aqueles que vivem *entre* o fazer e o não fazer? Será que eles podem ser reduzidos a essa dicotomia?

Distante da fundamentação do terreno identitário e essencialista, é possível presumir que o assexual vive na borda, na margem entre a sexualidade e a não sexualidade. Esse novo território, "entre lugares", marca os novos estudos sobre a sexualidade ante a rigidez binária característica da sociedade moderna. Assim, em consequência ao discurso em defesa da sexualidade como atividade totêmica, enrijecida em um padrão de matriz heterossexual, monogâmica e conjugal, pensadores atuais como Judith Butler⁶² argumentam que não existe papel sexual essencial ou biologicamente inscrito na natureza humana. Desse modo, é possível pensar que os assexuais fazem parte de uma minoria que não vê o sexo como uma "necessidade" humana.

Assim, os assexuais menosprezam essa pressão e *repressão* pois não encontram nelas justificativas que possibilitem a compreensão do seu "não sentir" e do seu "não fazer".

Foucault (1988) delineia bem o processo histórico da civilização ocidental que converteu o sexo em objeto de controle. A sexualidade como conhecemos atualmente surgiu a partir do século XVIII como um elemento de domesticação e docilização dos homens, tornando-os passivos e acríticos. A repressão sexual e toda

⁶² Pereira, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a Reinvenção do corpo. Cad. Pagu, Campinas, n. 27, Dec. 2006

a cultura de proibições sexuais da era vitoriana foram o motor para aquilo que Foucault denominou de *Hipótese Repressiva*, que ao contrário da repressão, incitou os discursos e saberes sobre sexo. Portanto, a atividade sexual - outrora tão fluída e desprendida de críticas - se tornou objeto do saber, regrado e cientificado. O sexo passou a ser "coisa" de finalidade marital, reprodutiva e distante dos desejos singulares. O autor explica que essa lógica se insere no âmbito capitalista, com o intuito de adestrar o homem para o trabalho, justamente porque quanto mais manso e obediente, mais eficiente e lucrativa será a produção. Desse modo, prazer *per se* dissipou-se em saberes moralistas, médicos e científicos.

A engenharia que conseguiu adestrar e aplacar esse desejo foi institucionalizada através do discurso. Para Foucault talvez nenhuma outra sociedade tenha acumulado tantos discursos sobre sexo desde o século XVIII, a ponto de nos preocuparmos demasiadamente em falar sobre isso

Pode ser, muito bem, que falemos mais dele do que qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa, convencemo-nos por um estranho escrúpulo de que dele não falamos nunca o suficiente, de que somos demasiado tímidos e medrosos, que escondemos a deslumbrante evidência, por inércia e submissão, de que o essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir a sua procura. (1988, p. 34-35)

Na acepção de Foucault, por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica e técnica que passou a falar sobre o sexo sob a forma de análise, de classificações. Nessa mesma época, o sexo tornou-se questão de "polícia" no sentido "de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição" (1988, p. 28). Ou seja, não eram necessários grandes sanções, pois o próprio discurso fazia os corpos obedecerem docilmente essa regulação sexual.

Nesse âmbito, a sociedade burguesa do século XIX é perversa, não em relação ao seu puritanismo mas, sobretudo porque opera uma incitação, um "tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. (1988, p.47)

Mesmo entendendo que "[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior dos poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações" (FOUCAULT, 1999, p. 118), há uma vigilância ostensiva que coage

corpos a exibirem comportamentos adaptados à normatividade, sucateando singularidades.

Esse cenário não seria diferente no século XXI, palco de discursos imponentes sobre a regularidade sexual. A produção vertiginosa sobre orgasmos, relacionamentos e tudo aquilo que envolve a idéia frágil de “comportamento sexual saudável” está presente em nossos cotidianos de maneira disciplinadora. Ou seja, é *obrigatório* que um adulto exiba alguma performance sexual, do contrário ele será marginalizado e segregado. Não que os indivíduos sexualmente ativos também não sejam marginalizados e segregados nesse aspecto, mas há uma rejeição maior direcionada para aquele que não expressa um instinto assentado – a grosso modo – naquilo entendido como natureza humana.

Foucault questiona sobre o que se trata essa excessiva preocupação com a sexualidade. Para ele, poderia ser uma

luta contra a sexualidade? De um esforço para assumir seu controle? De uma tentativa de melhor regê-la e ocultar o que ela comporta de indiscreto, gritante, indócil? De uma maneira de formular, a seu respeito, essa parte de saber que poderia ser aceitável ou útil, sem mais? De fato, trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza (...). A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (1988, p. 100)

Foucault já havia observado que a nossa “[...]civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erótica*⁶³. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*” (1988, p.57), destacando que estamos presos à uma época de intensa cientifização, manipulados e escravizados pelos discursos que ditam certos e errados inclusive nos assuntos de ordem subjetiva e singular. Desde os primeiros estudos sobre “doenças dos nervos” até o cenário contemporâneo atual, fala-se - e muito - sobre sexo.

⁶³ Foucault entende a *Ars Erótica* como uma outra verdade sobre o sexo além da *scientia sexualis*, em que a “verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma.” (1988, P.57)

Rubin (1984) reforça o quanto a herança cultural, advinda da moral vitoriana do século XIX nos Estados Unidos e na Inglaterra, continua presente em nossos dias. A autora destaca que historicamente o século XIX foi caracterizado por uma cruzada moralista da sexualidade, em que práticas masturbatórias, prostituição ou qualquer ato considerado obscenidade era alvo de rigoroso patrulhamento e repressão. Já no século XX, entre a década de 40 e 60 nos EUA, os “homossexuais foram, juntamente com comunistas, o objeto da caça federal às bruxas e expurgos” (1984, p.4). A ideologia conservadora relacionava qualquer atividade erótica diferente do sexo marital e heterossexual, a uma suposta doutrinação comunista. Assim, não só a homossexualidade, como o sexo antes do casamento, o aborto, a pornografia e todo o repertório erótico “desviante” era considerados imorais e atividades de comunistas.

Além desses resquícios advindo das práticas e dos discursos repressores sobre a sexualidade (que o arremessa para o domínio dos desvios e das doenças), existe também um discurso que supervaloriza o sexo, conferindo-lhe poderes especiais. É a *scientia sexualis* do século XXI, mascarada por um falso senso de liberação sexual, mas que continua adestrando corpos. Portanto, basta não ser uma pessoa que organiza sua vida social ou afetiva em torno de sexo para que as forças exercidas pelos micropoderes⁶⁴ mostrem sua dominância. Assim, muitas vezes o repertório sexual do sujeito é teatralizado e obedece a uma bússola normativa e capitalista, que lucra com as invenções e maquinarias criadas para garantir uma presunçosa vida sexual plena e feliz. Bauman (1998) chamaria isso de *coleção de sensações*.

[...] hoje o sexo serve, antes e acima de tudo, ao processo da atomização em andamento; se a primeira revolução relacionava a sexualidade com a confissão e preservação das obrigações, a segunda transferiu-a para o reino da coleção de experiências; se a primeira dispunha a atividade sexual como a medida de conformidade com as normas socialmente promovidas, a segunda as redispunha como o critério de adequação individual e aptidão corporal – os dois maiores mecanismos de autocontrole na vida do acumulador e colecionador de sensações. (BAUMAN, 1998, p.184)

⁶⁴ Os micropoderes, diferente do poder imposto de cima para baixo, como exercido pelo Estado, é uma rede de discursos, que é constituído por várias frentes (biologia, psicologia, política, moral, etc.) “obrigando” aos homens a docilmente aceitarem e a obedecerem as verdades impostas por eles (Foucault, 1988)

Baseado nesse recorte, é possível pressupor que os assexuais, muito além da questão identitária, também fazem uma potente reflexão a cerca do império sexual, combatendo a sexualidade contemporânea que se tornou um objeto, uma “coisa” de necessidade compulsória e um mecanismo artificial de exibição.

Nesse contexto, é inconcebível para um adulto saudável exibir um comportamento *não-sexual* ou *semi-sexual*, pois isso fere a norma patriarcal instituída. O mecanismo de interdição sexual do homem é a produção de saberes, um sofismo sobre sexo que atende ao âmbito econômico, político, científico, médico e outros. O prazer se desloca para a regra, para a “verdade”, renegando seu polimorfismo e excluindo qualquer aspecto divergente daquilo imposto como sexualidade “normal”. Nesse labirinto de discursos normativos, os dispositivos de poder exercem uma função estratégica. Foucault (1988) lembra que é através do *dispositivo de aliança* que o homem se sujeita a um matrimônio não somente pela “liberação do sexo”, mas para manter ou adquirir bens, nome e garantir sua descendência, sendo o *dispositivo de sexualidade* o mecanismo que se superpõe a este modelo.

Sobre o dispositivo de sexualidade, o autor ressalta que ele funciona “...de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (1988, p.100), ou seja, sua extensão é macro e dominante, configurando-se como um mecanismo de fixação da sexualidade normativa. No século XXI, mascarado pelo discurso libertário e anárquico, os dispositivos ainda regulam a atividade sexual, convertendo-a em uma prática permeada de saberes e análises. Instaura-se um império sustentado por normas sintéticas e robotizadas. Tudo o que gira em torno do sexo transforma-se em mandamento, em uma lei que assujeita corpos a um saber automático, pragmático e induzido. O corpo é forçado a performatizar um comportamento sexual nessa equação

Surge daí também a busca por um ideal sexual que ressoa em procedimentos não orgânicos: próteses de silicone, remodelagem das formas, aulas de *strip-tease*, técnicas de ampliação do orgasmo e tantas outras. Nas revistas, novelas, música e tudo o que nos cerca, nos deparamos com conteúdos eróticos que nos compelem a exibição de uma prática. Nesse caso, observa-se uma imposição arquitetada pelos desejos gananciosos do capitalismo que lucra com a sexualidade, nutrindo uma

nova espécie de poder, a *sexocracia*⁶⁵, em que as populações são sistematicamente pressionadas a exibir um desempenho de sua sexualidade de acordo com os ditames invisíveis de micropoderes.

Louro (2001) reforça que na contemporaneamente, proliferam cada vez mais os discursos sobre o sexo e que as sociedades continuam produzindo, avidamente, um “saber sobre o prazer” ao mesmo tempo em que experimentam o “prazer de saber”. Assim, o discurso sobre o sexo parece ser mais importante do que as vivências e a singularidade de cada corpo, marginalizado o assexual como um sujeito “desviante” nesse discurso.

Por este motivo, mais do que viver sua condição singular, os assexuais querem ser compreendidos, ouvidos e expostos; precisam do gozo do saber. Seu desejo talvez esteja na fala, no discurso de legitimação. Sobretudo porque a assexualidade é polimorfa, não enclausura-se na ausência de contato e prática sexual.

Portanto, se por um lado a assexualidade está emaranhada com o entendimento de dispositivo de sexualidade, por outro é inegável a possibilidade de que essa configuração sexual esteja cartografando um novo caminho, um território alternativo para entender as relações afetivas e sexuais contemporâneas.

No fórum A2, um homem de 27 anos⁶⁶, tenta compreender sua assexualidade da seguinte forma:

Eu ainda não consegui me definir como arromantico ou romântico,acho que nessa questão eu sou bem flexível,se é que isso é possível.Já me apaixonei e creio que já tenha amado sim, mas no geral,quando penso em relacionamentos,acho até bonito,acho fofo,já considerei ter um marido, um relacionamento duradouro e tudo o mais e acho bonitinho casais no geral,mas não vejo muito cabimento hoje em dia em relacionamentos,não tenho interesse em construir um,não tenho vontade e nem fico mal por isso,apenas acho que não serve pra mim,envolve muita coisa que no geral me dá preguiça só de pensar,consigo me sentir completo e muito feliz sozinho,na verdade só me sinto assim quando estou sozinho,não sei lidar com relacionamentos,apesar de achar a maioria fofo e tal,é sempre confuso e problemático pra mim o que me deixa muito mal sempre,quando estou sozinho eu já me sinto mais leve e feliz.E não é como se isso fosse um problema,pelo contrário,só que analisando prós (e tem bastante) e contras de um namoro eu decidi que pra mim não serve.E não me martirizo pensando " ai queria ser diferente e saber lidar com namoros" eu fico na verdade bem feliz de ser assim. Enfim,não tenho repulsa a

⁶⁵ Grifo meu. Entendo *sexocracia* como a junção do vocábulo sexo com o sufixo grego *kratia*, que vem de *kratos* ou poder.

⁶⁶ Depoimento disponível em < <http://www.forumassexual.org/t174p75-arromantismo-gray-a-e-demissexualidade>>. Acesso em 12 out 2015

relacionamentos, acho fofo, posso amar algumas pessoas, sentir carinho, afeto, principalmente por personagens fictícios rsrsrs mas quando penso em transformar qualquer coisa dessas em algo real me encho de preguiça e apenas "passo". (A2, 2015)

Neste caso, não há distanciamento afetivo. Aqui, o assexual entende-se como um sujeito de libido orientada ao erotismo, capaz de se apaixonar e vivenciar essa experiência, mas vê com descrença a construção e manutenção de um relacionamento. Esse exemplo atravessa um outro problema que tem uma estreita ligação com a assexualidade, que são os modelos de relacionamentos afetivos-sexuais. O depoimento reflete mais uma crítica aos padrões de relacionamento da atualidade do que a ausência de atração sexual. O esforço do depoente em justificar sua assexualidade desemboca na percepção que muitos assexuais têm sobre suas dificuldades sociais e amorosas, mas não especificamente sexuais.

Bauman (2004) poderia concluir que a assexualidade é reflexo da nossa sociedade atual, de mudanças rápidas e falta de laços significativos. Nesse âmbito, esse indivíduo não seria capaz de criar vínculos, justamente porque está inserido em uma sociedade líquida, fugaz e superficial.

Em nosso mundo de furiosa "individualização", os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial (Bauman, 2004)

Desse modo, é possível ver a assexualidade também como um espaço para indivíduos individualistas, que se satisfazem mais com sua solidão, onde podem fazer suas próprias regras, do que com o mundo dos protocolos sociais. É nessa "solidão povoada" que muitos autointitulados assexuais criam uma possibilidade de vida, de um modo de existência. Deleuze (1988) esclarece que

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. Não se pode fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades. (1988, p. 14)

Cabe aqui, portanto, uma desterritorialização, uma ruptura para traçar uma linha de fuga em que os afetos desses corpos se conectem à sua singularidade e ao plano das micropolíticas. Para Deleuze e Guattari:

Mas a palavra de ordem é também outra coisa, inseparavelmente ligada a essa: é como um grito de alarme ou uma mensagem de fuga. Seria simples demais dizer que a fuga é uma reação à palavra de ordem; encontra-se, antes, compreendida nesta, como sua outra face em um agenciamento complexo, seu outro componente. (1995, p.45)

Essa ruptura só pode ser feita através dos afetos que abrem caminhos e delineiam novos mapas, em que a assexualidade - e as singularidades advindas dela - sejam aceitas. O problema é tentar desconstruir essa sexualidade histórica e construir algo novo a partir disso. Assim como Foucault, Judith Butler pondera que tanto o sexo quanto a sexualidade são efeitos produzidos por um certo tipo de discurso, uma construção histórica, que é tratada como estratégia de poder. O discurso, então, habita o corpo, submetendo-o a uma norma. Foucault em entrevista destacou que:

[...] a sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa". Body Politic (*apud* Motta, 2013)

Nesse sentido, a perspectiva advinda da abordagem *Queer* faz uma desconstrução necessária para se entender a assexualidade distante da lógica dos discursos de gênero. Louro (2004) explica que a abordagem *Queer* foi elaborada através da perspectiva das sexualidades desviantes. É o estranho, o esquisito, o excêntrico que rompe com o pensamento vigente, desafiando as normas regulatórias da sociedade, assumindo o desconforto da ambigüidade, do “entre” lugares. O *queer* é provocador, perturbador e fascinante. No entanto,

Considerar o *queer* como uma espécie de termo guarda-chuva que abriga todas identidades não-heterossexuais e comportamentos ou práticas que se desviam das normas regulatórias da sociedade talvez implique uma redução do seu impacto. Prefiro ver o *queer* como uma espécie de disposição existencial e política, uma tendência e também como um conjunto de saberes que poderiam ser qualificados como “subalternos”, quer dizer, saberes que se construíram e se constroem fora das sistematizações

tradicionais, saberes predominantemente desconstrutivos mais do que propositivos. Tenho repetido que os estudos *queer* (juntamente com outros estudos contemporâneos) vêm promovendo novas políticas de conhecimento cultural. Assim se amplia (e muito) a potencialidade de sua articulação com a educação. O movimento e os estudos *queer* podem nos levar a questionar sobre o que conhecemos e sobre o que desconhecemos, ou melhor, sobre o que nos permitimos conhecer e sobre o que deixamos de conhecer, o que ignoramos. Se repetimos, tantas vezes, que o *queer* (como movimento e como pensamento) é subversivo e provocador, no campo do conhecimento e da educação isso pode nos levar a fazer perguntas que usualmente não são feitas, a questionar o que costuma ser inquestionável. Enfim, pode nos levar a ir além do conhecimento estabelecido, legitimado e autorizado. A potencialidade dessa “disposição *queer*” me parece, então, imensa para pensar não apenas os currículos, programas e estratégias da educação formal ou acadêmica, mas para pensar o campo da educação num sentido muito mais amplo. (LOURO, 2014)

Assim, os estudiosos *Queers* encontraram em Foucault a ideia de que a sexualidade é um dispositivo histórico de poder ganhando notoriedade e relevância social por estudar as minorias sexuais. Barreiro (2013), define a abordagem *queer* como os estudos que buscam "problematizar aquele que está intimamente ligado ao significado de seu termo, ou seja, o esquisito, o estranho, aquele que habita o 'entre lugares'."

Por estar "entre lugares", o *queer* é aquele que também questiona, desconstrói e reforma o regime binário da sexualidade heteronormativa. Para eles não existem papel sexual essencial ou biologicamente inscrito na natureza humana. Rubin (1984) destaca que é preciso repensar e problematizar a sexualidade e construir:

Uma teoria radical do sexo deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual. Tal teoria necessita de ferramentas conceituais refinadas com as quais se possa compreender o sujeito e mantê-lo visível. Deve produzir descrições ricas da sexualidade na forma como ela existe na sociedade e na história. Requer uma linguagem crítica convincente que possa transmitir a barbárie da perseguição sexual. (1984, p.11)

Preciado (2014) entende o corpo como espaço de construção biopolítica e, apesar de não citar a assexualidade, seus trabalhos percorrem as tecnologias sexuais desde o uso de acessórios sexuais, a redesignação sexual até os fetichismos. É nesse *lócus* que Preciado desconstrói a sexualidade, elaborando que nossos corpos também são o centro de resistência da opressão biopolítica.

Tenho denominado sexopolítica, seguindo as intuições de Michel Foucault, Monique Wittig e Judith Butler, dentre as formas dominantes da ação biopolítica que emergem com o capitalismo disciplinar. O Sexo, a sua verdade, a sua visibilidade, suas formas de externalização, a sexualidade, modos normais e patológicos do prazer, a raça, sua pureza ou sua degeneração, são três ficções somáticas poderosas que tem obcecado o mundo ocidental desde o século XIX (...). São ficções somáticas porque não tem realidade material, mas porque sua existência depende de que Judith Butler chama de repetição performativa dos processos de construção de políticas." (2008, p.58)

Para o autor, essas novas configurações são cartografadas pelo entendimento daquilo que definiu como “contrassexualidade”. A contrassexualidade é uma idéia de base foucaultiana que consiste no fato de que a resistência das produções disciplinatórias da sociedade não está na luta contra a proibição, mas sim na produção de novas formas de saber e fazer.

Pode-se inferir, a partir desse ponto de vista, que a assexualidade é uma nova forma de se entender a sexualidade, rasgando as convenções e se organizando politicamente contra o império sexonormativo.

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim de da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é. Em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. [...] Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (Preciado, 2014, p. 21)

Nesse excerto, Preciado já sintetiza uma das idéias advindas da abordagem *queer*, ou seja, o fim da natureza como a ordem e imperativo biológico que sujeita os corpos a um contrato social heteronormativo.

A assexualidade engendra nessa lógica justamente porque renuncia a obrigatoriedade biológica em exhibir um comportamento sexualmente ativo por ser entendido como próprio da “natureza humana”.

Na contrassexualidade, a sexualidade é vista como tecnologia, um aparelho que produz os diferentes elementos do sistema sexo/gênero e reduz os corpos a

zonas erógenas regulamentadas pela heteronormatividade. Assim Preciado entende que a contrassexualidade também

[...] define a sexualidade como tecnologia e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual” bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... [...] a contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade (Preciado, 2014, p. 22-23)

O que se deduz é que há uma negação do corpo em sua totalidade em função de tecnologias que desmembram a sexualidade, restringindo-a aos órgãos sexuais. Nesse caso, os devires sexuais, suas multiplicidades e seu caráter variante e variável é estreitado e rebaixado à uma tecnologia que opera em função da Natureza e, por conseguinte, da heteronormatividade. O autor apela para uma *queerização* dessa Natureza, deslocando as tecnologias sexuais para a amplitude da subjetividade.

O biopoder compartimentou a sexualidade em coisas separadas de sua totalidade, despedaçando algo que só pode ser vivido de maneira integral e indivisível. O contexto em que os assexuais estão inseridos também se encaixa nessa formulação, sobretudo porque sua singularidade é rechaçada em algum transtorno, desequilíbrio hormonal ou ausência de natureza humana. Como já discutido no capítulo 6, essa idéia de que os assexuais são “menos humanos” ou que são parecidos à máquinas é forte motivo de segregação e preconceito. Além disso, todo esse discurso empurra a assexualidade para uma composição molar⁶⁷, de segmentaridade dura, de estratificações e representações estáticas que interrompem a produção de subjetividade.

Por isso a desconstrução desse alicerce exclusivamente biológico é tão importante, pois a

⁶⁷ Para Guattari e Rolnik, a ordem molar corresponde às estratificações de delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. A ordem molecular, ao contrário, é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades. (2013, p.385-386)

[...] contrassexualidade reivindica a compreensão do sexo e do gênero como cibertecnologias complexas do corpo. A contrassexualidade, tirando partido dos ensinamentos de Donna Haraway, apela a uma queerização urgente da "natureza". As substâncias chamadas "naturais" (testosterona, estrógeno, progesterona) os órgãos (as partes genitais macho e fêmea) e as reações físicas (ereção, ejaculação, orgasmo etc.) devem ser consideradas como poderosas "metáforas políticas" cuja definição e controle não podem ser deixadas nem nas mãos do Estado nem das instituições médicas e farmacêuticas heteronormativas. (Preciado, 2014, p. 40)

No entanto, nem todos os corpos são assujeitados a norma pois sempre haverá aqueles que resistem, que questionam por meio da criação do novo. Tais corpos atuam no desvio, na esquiva, no traçado de uma linha de fuga.

Deleuze e Parnet (1998) destacam que a linha de fuga é uma desterritorialização. Essa fuga tampouco é uma anulação ou uma renúncia do problema, mas sim um enfrentamento das forças que incidem nos corpos e transformam sua tessitura:

A linha de fuga é uma *desterritorialização*. Os franceses não sabem bem o que é isso. É claro que eles fogem como todo mundo, mas eles pensam que fugir é sair do mundo, místico ou arte, ou então alguma coisa covarde, porque se escapa dos engajamentos e das responsabilidades. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. George Jackson escreve de sua prisão: "É possível que eu fuja, mas ao longo de minha fuga, procuro uma arma." E Lawrence ainda: "Digo que as velhas armas apodrecem, façam novas armas e atirem no alvo." Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada. A literatura angloamericana apresenta continuamente rupturas, personagens que criam sua linha de fuga, que criam por linha de fuga. Thomas Hardy, Melville, Stevenson, Virginia Woolf, Thomas Wolfe, Lawrence, Fitzgerald, Miller, Kerouac. Tudo neles é partida, devir, passagem, salto, demônio, relação com o de fora. Eles criam uma nova Terra, mas é possível, precisamente, que o movimento da terra seja a própria desterritorialização. A literatura americana opera segundo linhas geográficas: a fuga rumo ao oeste, a descoberta que o verdadeiro leste está no oeste, o sentido das fronteiras como algo a ser transposto, rechaçado, ultrapassado. O devir é geográfico. (Deleuze e Parnet, 1998, p.49-50)

Portanto, a fuga deleuziana é uma *fuga ativa e criadora* que se expande para novos territórios em que se instaura, cartografando a multiplicidade e os estados que delas resultam, produzindo a diferença. A linha de fuga sustenta em si a

originalidade, abrindo-se para novos devires pois, do contrário, “se transforma em linha de destruição” ou então “[...] em plano de organização e de dominação.”⁶⁸

Importante ressaltar que as fugas e os movimentos moleculares só são possíveis ao penetrar nas organizações molares, remanejando seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, etc.⁶⁹ Mesmo porque somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções, sendo o homem um animal segmentário. “A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente.”⁷⁰ Desse modo, só se pode conceber esse novo território - a assexualidade - justamente porque ela perpassa a segmentaridade molar, cartografando um desvio, uma fuga.

Preciado poderia complementar esse entendimento ao afirmar que

A contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, histéricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder do desvio e derivações com o relação ao sistema heterocentrado. (Preciado, 2014, p. 27)

A perspectiva *Queer*, portanto, apresenta uma abrangência e amplitude maior sobre o fenômeno da sexualidade, abarcando todas as instâncias sexuais desprezadas pela sociedade heteronormativa. A assexualidade, nesse caso representaria uma minoria pouco discutida e que causa certa “estranheza”, sobretudo porque se coloca contra o imperativo sexual.

Butler (2003), que estudou bastante a performatividade de gênero, destaca que vivemos em uma sociedade que exige uma prática sexual baseada em um padrão compulsório e de “matriz heterossexual”. Desde o momento do nascimento e pelo restante da vida, há uma doutrinação pedagógica para inscrever nos corpos um gênero e uma sexualidade que atenda a um padrão, direcionando o sujeito a uma vida planejada, previsível e estável. Qualquer “desvio” é interpretado de maneira patológica.

a noção de que pode haver uma “verdade” do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas

⁶⁸ DELEUZE, G e GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia São Paulo: Editora34, 1997. v.5.

⁶⁹ DELEUZE, G e GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora34, 1996. v.3.

⁷⁰ *Ibidem*

reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do sexo nem do “gênero”. (BUTLER, 2003, p.38-39)

A autora faz uma ressalva destacando que essa matriz também cria oportunidades críticas para expor os limites e objetivos reguladores e, conseqüentemente, de disseminar matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero. Assim, trazendo o pensamento de Butler para o fenômeno assexual, pode-se imaginar que a “construção” de uma sexualidade que seja discrepante da matriz pode ser também uma maneira de causar desordem, desestabilizando a norma vigente.

A ideia de biopolítica e biopoder⁷¹ estão presentes na obra de Foucault como forças que não se preocupam com o indivíduo, mas sim com uma população que é um problema político, biológico, científico e, concomitantemente, um problema de poder. Através dessa população, a biopolítica intervirá com intuito de exclusão e neutralização daqueles considerados um problema. Talvez os assexuais estejam presos à essa equação, protegendo-se dessa sexualidade que foi institucionalizada, para não ser excluído ou neutralizado pelas forças dominantes.

Preciado (2011), defende que estamos em uma sociedade dominada pela ação biopolítica, em que

“...o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida.”

A diferenciação biológica do sexo é um dos dispositivos do biopoder, assim como qualquer outro aspecto relacionado a sexualidade. Desse modo, Preciado entende que o biopoder transformou o sexo em mercadoria, correlato ao capital,

⁷¹ Preciado, reforça que a biopolítica é uma nova forma de poder que “antecipa a produção do corpo vivo como “bem” e “mercadoria”, e a regulação da sexualidade como a forma fundamental da produção heterossexual da vida. Nesse modelo físico de circuitos, fluidos e vasos comunicantes, a energia sexual não é senão uma modalidade de energia do corpo suscetível de ser transformada em força física, no caso do trabalho, ou em força de procriação, no caso da atividade (hetero)sexual.” PRECIADO, 2014, p. 102

justamente porque o capitalismo só alcançou sucesso por meio do controle dos corpos e na regulamentação ou ajustamento dos fenômenos populacionais ao sistema econômico.

A tecnologia social heteronormativa (esse conjunto de instituições tanto lingüísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher) pode ser caracterizada como uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a invocação performativa do sujeito como corpo sexuado. (Preciado, 2014, p. 28)

O capitalismo exerce poder na hierarquização política, garantindo relações de domínio e hegemonizando da população. Nesse contexto, a nação só pode prosperar ao se reproduzir seguindo um modelo de família heterossexual monogâmica. O autor entende que o "Império dos Normais" depende do giro econômico dos produtos criados para esta sociedade majoritária, um mercado que depende do "fluxo de silicone, fluxo de hormônio, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, definitivamente, fluxo dos gêneros."⁷², daí a necessidade da multidão *queer* em se alicerçar na resistência ao processo de tornar-se "normal". Preciado também evidencia que

a política da multidão queer não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como "normais" ou "anormais". (Preciado, 2011)

Assim, a proposta e meta das atuais biotecnologias é o assentamento de categorias sexuais baseadas na supremacia heteronormativa de sexo e de gênero "que vai da erradicação das anormalidades sexuais, consideradas como monstruosidades..." (PRECIADO, 2014, p.40-41).

A desconstrução da ideia de normalidade sexual, através da perspectiva *queer*, promove uma descontinuidade na sequência "sexo-gênero-sexualidade" (LOURO, 2001). Assim, a população *queer* compreende que a identidade sexual não é definida simplesmente pela biologia, mas também pela dependência da

⁷² Artigo de Paul B. Preciado. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 11-20, janeiro-abril/2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002>

significação que lhe é dada, razão pela qual passa a ser uma construção social e histórica. Por isso os assexuais subvertem esse estatuto, identificando que seu desejo, excitação e prática sexual também dependem de uma construção social e histórica, distante do imperativo instintivo humano, não se reduzindo a concepção de que ele é um animal biologicamente sexualizado.

Pelbart lembra que "os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes, quer se evoque as ciências, o capital, o Estado, a mídia."⁷³ por um poder que se tornou "pós-moderno", rizomático, penetrante, molecular e anônimo incidindo na nossa maneira de perceber, de pensar, de sentir, etc.

O biopoder se infiltra em nossa existência, anulando nossa autonomia e controlando aquilo que deveria ser espaço de ingerência como o corpo e a subjetividade. Diversos ditames se produzem e reproduzem, se infiltrando nos corpos para conquistar o "santo graal" da modernidade: saúde, disposição, longevidade e perfeição física. Os corpos são impregnados pelo discurso, que fazem um culto ao bem-estar físico e as formas físicas espartanas. A revista semanal, a TV, a internet e qualquer outra produção advinda do discurso, exhibe informações que correlacionam a prática regular de sexo à um *status* de equilíbrio e aperfeiçoamento da vida orgânica e emocional. Em outras palavras, quanto mais você faz sexo - seguindo as recomendações midiáticas - mais "saudável" você será.

Daí surgem aquelas recomendações do tipo "16 razões para se fazer sexo todos os dias"⁷⁴, "Orgasmo previne contra resfriado; veja 10 benefícios do sexo."⁷⁵ ou "Sexo ajuda a atenuar mau humor e dores de cabeça; veja como praticá-lo de forma relaxante."⁷⁶ que se metamorfoseiam em mandamentos para aumentar a longevidade, controlar pressão arterial, aliviar enxaquecas, reduzir o estresse, melhorar a qualidade do sono e etc. Um outro exemplo usado à exaustão é

⁷³ Pelbart, P. P. "Vida e morte em contexto de dominação biopolítica". 2008. Conferência. In: Ciclo "O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão", Disponível em < <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf> >

⁷⁴ Disponível em < <http://hypescience.com/fazer-amor-diariamente/> > Acessado em 24 fev 2016

⁷⁵ Disponível em < <http://saude.terra.com.br/bem-estar/orgasmo-previne-contr-o-resfriado-veja-10-beneficios-do-sexo,e4b923aacb82e310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html> > Acesso em 24 fev 2016

⁷⁶ Disponível em < <http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2009/10/483616-sexo-ajuda-a-atenuar-mau-humor-e-dores-de-cabeca-veja-como-pratica-lo-de-forma-relaxante.shtml> > Acesso em 24 fev 2016

correlacionar o estado de humor de alguém com a ausência ou presença de sexo. Em outras palavras: uma pessoa mal-humorada é comumente entendida como alguém que precisa de sexo. Assim, o biopoder exerce um controle macropolítico, infiltrando-se em vidas que se esvaziam e são vampirizadas. O indivíduo perde sua potência, mas prolonga sua existência de acordo com as recomendações impostas pela máquina científica.

O equívoco é achar que todas essas táticas produzidas pelo biopoder energizam e vitalizam o sujeito. Muito pelo contrário, o biopoder torna as pessoas fantoches em uma existência que não goza, anêmica, asséptica, indolor e de prazeres controlados, aquilo que Žižek⁷⁷ (2011) resumiria como “toda uma série de produtos privados das suas propriedades nocivas: café sem cafeína, creme de leite sem gordura, cerveja sem álcool. E a lista poderia continuar: o que dizer do sexo virtual, ou seja, sexo sem sexo?”

A partir desse ponto, deve-se questionar até que ponto a assexualidade se aprisiona somente em um discurso identitário, pois ela se expande no sentido de requerer uma sexualidade livre, conectada ao saber do corpo e que não seja administrada pela ciência. Necessário portanto, uma desconstrução da sexualidade enquanto uma subjetividade arquitetada pelos efeitos do discurso.

8. DESABAFOS ASSEXUAIS: ESTUDO DE CASO

Os fóruns assexuais são fontes prolíferas de depoimentos que cartografam⁷⁸ o que é ser assexual. Neste trabalho, foram escolhidos relatos brasileiros para cartografar a assexualidade. A tarefa de cartografar só é possível ao se dar voz aos afetos que pedem passagem, um trabalho que exige uma implicação ética no traçado desses mapas afetivos por parte do pesquisador; constituindo-se em um projeto que não se enclausura em científicismos e métodos, mas abre caminhos, desvios, atalhos e linhas de fuga que permitem ao indivíduo dar sentido ao seus desejos e afetos.

⁷⁷ Artigo do filósofo esloveno Slavoj Žižek, publicado no jornal La Stampa, 14-11-11 . Disponível em < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/502857-o-estrangeiro-descafeinado-artigo-de-slavoj-iek> > Acessado em 01 mai 2016

⁷⁸ Rolnik, 2011 define que “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. [...] O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer a sua travessia: pontes de linguagem.” (p. 65-66)

É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações-este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente. O critério de avaliação do cartógrafo você já conhece: é o do grau de intimidade que cada um se permite, a cada momento, com o caráter de finito ilimitado que o desejo imprime na condição humana desejante e seus medos. É o do valor que se dá para cada um dos movimentos do desejo. Em outras palavras, o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento. (Rolnik, 2011)

Considerando o volume de narrativas assexuais, é possível desenhar um mapa com todas as variações do fenômeno já descritas. O depoimento a seguir foi obtido no principal fórum brasileiro. O autor do desabafo é W. X.⁷⁹, um homem de 23 anos, estudante de engenharia que se define como um assexual aromântico, ou seja, não sente atração sexual e nem exhibe desejo de manter relacionamentos românticos.

É absurdo como tanto em meios relativamente científicos quanto em sociais frases como "todo mundo precisa de um relacionamento amoroso", ou "todos precisam se sentir conectados" são comuns, inclusive até estudo de drogas com ratos demonstram que em seres sociais, a ausência de conexão é vista como um problema e seria tão central que os ratos viciados em droga X ignoram as mesmas caso estejam inseridos em um meio com quem possam conviver (recomendo a leitura é bem interessante por vários aspectos, o que não é tão interessante é o que alguns tendem a tirar por conclusão dela). Na ficção personagens que são solitários e se sentem bem assim normalmente são "destruídos" ao longo da série, mangá, anime ou o que for.

Já de início, W. esclarece o quanto a sociedade produz um saber normatizador que força o indivíduo a exibir um comportamento artificial. A ideia de *scientia sexualis* evidencia-se quando o autor identifica que vários segmentos da ciência se dedicam exclusivamente a estudar e a patologizar comportamentos fora do padrão. Usando o exemplo de ratos - e consequentemente intensificando a frieza científica com a qual uma singularidade humana possa ser comparada – o depoente observa o quanto a ciência se ocupa exclusivamente em estudos dessa espécie, negligenciando as possibilidades existenciais do ser humano.

W. reforça que não se submete a um padrão normativo, pois sua

[...] maior vontade é de responder "tenho que? Tenho que o que? Não sou obrigado a absolutamente nada nessa vida, nem sequer viver. Eu faço as minhas regras e eu determino como o jogo deve ser jogado e se eu respeito

⁷⁹ Depoimento disponível < <http://www.forumassexual.org/t2325-conexao-relacionamentos-e-contato-necessarios-ou-nao>>. Acesso em: 12 out 2015

as regras que a mim são impostas ou não. Desculpa, se para você é tão central viver dependente de outras pessoas, ok, mas para mim isso é a definição do inferno.

O apelo dele também revela uma crítica aos modelos de relacionamento amorosos-sexuais, questionando o papel da sociedade, que sempre está tentando “corrigir” e disciplinar os corpos, forçando as pessoas a performatizarem um comportamento que não está de acordo com seus afetos. Para W. parece haver uma coerção social para que as pessoas sejam extrovertidas e dispostas a criar laços e, aquelas que não se submetem, são segregados nos domínios das psicopatologias e dos moralismos, tornando-se o “estranho”, o “errado”, o “pária”.

Também acho que não preciso recordar o quão é difícil se conectar com pessoas por aí a fora, principalmente quando elas a todo momento ignoram a sua orientação e isso quando não tentam “corrigi-la”, forçando vc para outras pessoas, negando, etc. Além disso, gostaria também de nesse momento lembrar que existem pessoas que se recarregam passando um tempo sozinhas, ou até interagindo com outras pessoas mas a distância, ditas introvertidas. E outras que parecem precisar mais do contato social e se sentem mal se ficarem a sós, ditas extrovertidas. É inevitável mostrar como existe uma pressão social para que as pessoas sejam extrovertidas. “É errado ficar sozinho”, “é errado não ter amigos”, etc e tal. Mas eu gostaria de questionar isso. Temos mesmo que nos sentir mal, por imposição alheia de passar mais tempo com nós mesmos do que com os outros? Temos mesmo que ir contra a nossa própria natureza, se introvertidos, a ponto de ter que ficar catando pessoas e eventos que via de regra só causam estresse? Sobretudo se forem pessoas extremamente adversas a você do qual nenhuma conversa parece bater? Qual o problema de buscar se sentir completo por si só? Isso não deveria, na verdade, ser um padrão a ser seguido pelas outras pessoas? Afinal, se a pessoa está bem e psicologicamente estável sozinha, provavelmente irá fazer um melhor papel em grupo ou em relacionamentos não? Enfim, acho que nesse momento vou deixar essas perguntas mais soltas e ver o que vocês tem a dizer.

Novamente W. enfatiza que o fato de desejar viver sozinho não equivale a algum transtorno psicológico. Muito pelo contrário, às vezes estar sozinho pode ser sinal de uma estabilidade que muitos não têm. O mal-estar de W. está, portanto, nos dispositivos de poder, que administram e decretam, através da ciência e de outros saberes, comportamentos saudáveis ou não. Para ele, sua assexualidade não é o que lhe causa sofrimento e amargura, mas sim sua rede de relacionamentos e as demais esferas da sociedade, que o forçam a ser algo distante de sua

singularidade. Se não fosse por essa tentativa disciplinatória, ele poderia viver de acordo com seus afetos.

W. não se posiciona contra a amizade e outras formas não sexuais de relacionamento, mas reitera que para um assexual existem outras coisas além de um relacionamento “romântico-sexual”. Para eles, muitas pessoas se organizam em volta de suas aspirações e realizações sexuais, assunto totêmico na nossa sociedade e de grande notoriedade midiática e científica. Mas há um exagero de saberes sobre aquilo que é referenciado como “saúde emocional”, tornando o sexo e os relacionamentos produtos que devem ser consumidos como parte de uma equação que garanta o bem estar e a inteligência emocional do indivíduo.

A morada da assexualidade é no terreno dos opostos, pois aquilo que supostamente deveria ser imprescindível para a felicidade do indivíduo, de acordo com os saberes institucionalizados, é também o maior fator de sua toxidade. Se a sexualidade já é um campo penetrado pelas convenções e normas, degradando as minorias sexuais, imagine, então, o indivíduo que manifesta uma sexualidade baseada em um *não sentir* e um *não fazer*, rompendo a equação baseada na frequência, na prática e nos envolvimento afetivos. Automaticamente ele ganhará um carimbo de “imaturo”, “perdedor”, “fraco”, “estranho”, “louco” ou qualquer outro apelido para submetê-lo a um poder baseado em valores que cumprem uma função moralista.

A minha opinião é que sim, deveríamos poder viver nossas vidas, sozinhos, sem ter pessoas falando quão errado estamos, sem ter publicações na internet falando que apenas pessoas ruins fazem isso, ou que isso é “problema psicológico”, precisa de ajuda ou algo do tipo. Não acho amigos algo negativo, muito pelo contrário, mas considerando que as pessoas infelizmente fazem dos relacionamentos romântico-sexuais o tema central da vida delas, de tal forma que chega a ser complicado falar de outra coisa sem a pessoa querer voltar ao assunto, isso se torna extremamente danoso para graus de conectividade com outros, não? Só eu penso assim? As vezes eu penso que realmente seria legal ter um “bar aro/ace” da vida, para tentar fugir um pouco dessa toxidade diária e ser capaz de ao menos falar coisas e ter gente concordando. Mas na verdade o que me irrita mais tende a ser a vertente mais científica atestando que você deveria estar fazendo isso ou aquilo... Eu entendo que a maioria não leva assexualidade e arromanticidade e muito menos pessoas introspectivas em suas análises mas, infelizmente, são esses estudos genéricos com frases típicas de “todo mundo deveria fazer X” que ganham atenção na mídia que acabam por serem validadas e forçarem a norma social. Se resumindo no que aquela pessoa chata vai falar “segundo fulanodetal vc tem que fazer isso”.

Os assexuais, simplesmente não estão interessados em sexo e tampouco o conceitua como atividade fim dos relacionamentos ou expressão máxima do amor.

Reforço o *simplesmente* pois a recusa não se dá por justificativas óbvias e previsíveis do discurso normativo. Ao se falar em assexualidade não estamos falando de um discurso médico, religioso ou psicanalítico (infantilismo, narcisismo, sublimação, recalque, etc.) mas sim de um discurso ético, baseado no saber do corpo. No caso, W. é um assexual arromântico, por isso não tem interesse em relacionamentos de nenhuma espécie, mas isso não impede que outros assexuais manifestem e expressem amor, desejo, excitação e atividade sexual direcionada a outra pessoa.

Não obstante o fato de assexualidade ser vista com estranheza até pela minorias sexuais, ela se desenrola num cenário social permeado pelo patriarcado, pelo inconsciente colonial, pela heteronormatividade, que delimita as práticas sexuais, sucateando as diferenças como desvio, como patologias e anormalidade. Complementando esse aspecto, a assexualidade posiciona-se também contra a o regime compulsório em exibir alguma atividade sexual.

[...] pessoas que seguem praticamente todas as regras do que se espera da normalidade e ainda ousam falar na sua cara que você é o errado, ou que você deveria isso ou aquilo. Da qual muitas vezes dá imensa vontade de responder. Em alguns casos dá para se afastar, mas em muitos não. E sim, dá para ignorar em algum nível, mas é aquilo... Existe um limite de vezes q vc cansa de escutar aquilo, acaba tendo que pesar outros fatores na balança, se preocupar em ser mal visto no trabalho e ter oportunidades fechadas... etc.

W. ajuda a corroborar o quanto a ideia sobre sexualidade é frágil em nossa sociedade. Isso porque a sexualidade é dividida em dois momentos: inicialmente ela opera no plano da interdição durante a fase de desenvolvimento do sujeito para metamorfosear-se em uma suposta sexualidade exuberante, liberta e realizadora na vida adulta. Apesar da beleza da descoberta sexual, o mundo *maduro* exige mais do que a expressão livre e liberada das vicissitudes do amor; há uma competição sexual, um esforço e investimento na capacidade orgástica genital, enfim uma corrida para saber quem faz mais sexo e de melhor qualidade.

Realmente nunca fui fã de pessoas que tentam impor a "teoria da felicidade" nos outros. Julgo isso um erro crítico, sobretudo pois são as primeiras a ficar espantadas e serem grosseiras ao escutar outras teorias que não as dela. Enfim... É muito ruim conviver no meio de muitas pessoas ou até no meio de uma sociedade que taxa vários comportamentos e atitudes de infantis e é a primeira a agir como uma verdadeira criança tampando os ouvidos e berrando quando escuta algo diferente do que pensa... Deplorável

mesmo, essa falta de diálogo generalizada, falta de raciocínio ou de habilidade de abstração dos próprios valores.

O desabafo de W. desemboca no terreno já permeado nesse trabalho, da consideração da assexualidade dentro do entendimento de uma anomalia. Mas é exatamente por causa desses desabafo e relatos - que tentam se distanciar das classificações reducionistas – é que o interesse acadêmico vêm crescendo. Brigeiro (2013) cogita três hipóteses que justificariam esse crescente interesse:

A assexualidade se apresenta como um fenômeno insólito e, portanto, curioso: ao negar o sexo, os argumentos dos assexuais desestabilizam verdades muito arraigadas sobre esse domínio da vida, inclusive axiomas oriundos do saber especializado acerca do desejo sexual. A seguinte razão para que o tema chame a atenção se relaciona com seu potencial para brindar sentido a uma variedade de experiências, concorrendo com explicações biomédicas vigentes quando se trata do desinteresse pelo sexo. A terceira justificativa tem a ver, em certo grau, com a geração de um discurso de tipo emancipatório em torno do assunto, politizando um tema usualmente circunscrito à vida íntima ou à abordagem clínica. (Brigeiro, 2013, p.262)

Nesses termos, a assexualidade é um embate entre as forças que distinguem que o sexo é a expressão da vida, um instinto e uma pulsão *versus* um entendimento particular dessas forças. É a minoria da minoria, desconhecida, pária da sociedade *sexocrática*, que se aglutina em fóruns na internet, em grupos isolados e mantém uma militância ainda discreta, mas que já causa um certo furor, inclusive pelos grupos vitimizados pelo tradicionalismo e pelo patriarcado.

É o manifesto contra a imposição do sexo como uma atividade fim e obrigatória, uma maquinaria de prazeres fugazes, artificialmente construída para operar e conduzir populações para consumir vorazmente qualquer produto que melhore e potencialize o desempenho sexual.

Portanto, fazer parte de um movimento que não obedece a essa régua e que não se submete a moral vigente, posicionando-se na resistência que enfraquece a raiz patriarcal e colonial das sexualidades, é um passo importante para fortalecer a dimensão assexual.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a assexualidade dentro de um sistema classificatório, seja ele nosográfico ou não, seria uma amputação de toda seu aspecto variado e variável.

Miskolci (2009) observou que a sexualidade se tornou objeto de especialistas, como sexólogos, psiquiatras, educadores e ao mesmo tempo "regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas." Desse modo, a assexualidade pode ser apreendida pelas diversas instâncias da sociedade como algo patológico ou, no mínimo, uma orientação sexual "desviante", interpretações estas que não representam todo o fenômeno.

A ética da sexualidade não permite enclausuramentos, exceto o de sua própria condição, a de resultar das forças que agitam o campo relacional em contínua diferenciação, inseparável de um infinito processo de subjetivação, constituindo subjetividades provisórias, não enrijecidas pelo império *sexocrático*. Essa supremacia marcada pelos dispositivos de sexualidade condicionam os corpos a exibirem comportamentos e performances sobrecodificados. Na sociedade capitalista, o sexo não é entendido como atividade fluída, própria do corpo, em sua relação com o mundo, mas sim um artifício regulado pelo biopoder. O discurso produzido reforça o *que é certo* e o *que não é certo* dentro do campo da sexualidade., ou mais sutilmente ainda, o que é reconhecível e o que não o é. Existem tantos estudos e discursos sobre o tema que é impossível o indivíduo não ser atravessado por isso.

A assexualidade, é uma linha de fuga e, nesse sentido, se modela como uma força micropolítica, que busca não permitir seu esmagamento e tampouco sua desconsideração. Em consequência, sua resistência está justamente em sua coletividade, que se une não só para reivindicar a possibilidade de *existir* (direito civil), mas para sustentar-se em suas singularidades enquanto linha de fuga. O assexual, não se assume como tal somente por uma questão de legitimidade política, mas porque sua vida pede passagem para uma forma de existir além do enclausuramento identitário e nosográfico.

O prefixo *a*, antes da palavra *sexualidade*, denota um caráter de afastamento, de separação, mas isso não é uma condição *sine qua non* desse grupo. A assexualidade tem libido; um "não fazer" e um "não querer" que pode desejar relacionamentos românticos ou *arromânticos*; uma orientação sexual que pode ser homossexual, bissexual, heterossexual, pansexual ou mesmo assexual; um desejo que pode culminar em sexo desde que a vontade seja pura e fidedigna. Para eles, a

sexualidade deveria ser um saber do corpo, uma expressão autêntica do desejo, fiel a um sentimento genuíno, isento de cientificismos.

A principal comunidade brasileira sobre o tema enfatiza que o conceito de assexualidade ainda está em construção, sobretudo porque ainda não há critérios para se definir um assexual. Isso ilustra a plasticidade do movimento, que não se opõe ao sexo e nem a sexualidade, mas sim a maneira compulsória em que o sexo é obrigatório na sociedade ocidental. Trazer esse assunto à tona é sempre motivo de polêmicas; o assexual é dizimado pela miopia social que o desqualifica como um imaturo sexual. O indivíduo que se diferencia na sociedade – e se não tiver força suficiente para resistir – afoga-se na normatividade e passa a entender a si mesmo como um doente, um anormal, um pária. A estratégia defensiva desta interpretação equivocada lhe serve para recobrar um lugar e um sentido, numa espécie de fuga do intolerável. Essa fuga, contudo, é negativa e destruidora pois soterra a vida em sua diversidade ao conformar-se e fixar-se no ordinário e no senso comum.

Algumas pessoas poderiam entender o contrário, diriam que os assexuais estão em uma fuga em direção a autodestruição pois não vivenciam as possibilidades de seu corpo. Sobre isso, os relatos assexuais apontam o oposto; a assexualidade só existe porque há um discurso regulatório sobre aquilo que é entendido como “sadio”. É uma ficção que tem origem em nossa sociedade que tenta governar nossos corpos, que nos pressiona através dos grandes meios de comunicação, que institui comportamentos “corretos” e “aceitáveis”. E, ante a estereotipação social, os assexuais sustentam que eles não consideram o sexo como um tabu, algo “vergonhoso” ou qualquer outro tipo de interpretação moralista. Eles simplesmente assumem que não gostam e não têm o desejo de praticar sexo e/ou construir um relacionamento que inclua essa prática.

A partir desse ponto, fica difícil entender porque os assexuais são tão rejeitados e submetidos a interpretações patologizantes. O movimento não força ninguém a adesão e nem intenta impor um novo *status* sexual. Faz parte de uma resistência dentro do campo das multiplicidades

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades. A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche

efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões.⁸⁰

Desse modo, as multiplicidades fazem parte da desterritorialização e são um campo de possibilidade de criação, de fuga necessária para a vida que está oprimida e precisa desse espaço para afirmar sua potência.

Exceto em poucos casos, os depoimentos disponíveis nos fóruns não sugerem traumas, insatisfação sexual e tampouco ansiedade. Muitos assexuais já experimentaram sexo e outros gostam de se masturbar, ou seja, o sexo não é o problema. O problema é a imposição para se agradar o parceiro, atender a sociedade e manter uma atividade sexual distante do saber do corpo.

Jade⁸¹, 33 anos, que está em um relacionamento atualmente, declarou sentir desejo pelo seu parceiro e que a atração sexual acontece quando

[...] estamos juntos no calor do momento, fora disso não penso e nem sinto falta.[...] Algumas pessoas podem questionar o fato de eu ser ou não assex pelo que vivo no momento, mas para estas pessoas eu pergunto: o que define a assexualidade? Para mim é a forma como nos sentimos na maior parte da vida (aquilo que nos atrai mais). Não é uma escolha, bloqueio, trauma ou doença. Por isso sou e continuarei a ser assex, independente do atual momento. Quanto à classificação, pouco me interessa, pois estou aberta para viver com intensidade cada acontecimento em minha vida. O importante da vida é ser e estar de bem consigo e abrir a mente e o coração para as oportunidades que ela nos dá.

Isto posto, não há como delimitar a assexualidade dentro do campo das doenças. Jade identifica-se como assexual e não está fechada para a vida. Muito pelo contrário, está aberta e conectada a sua singularidade. Não há dicotomias entre o que ela *sente* e o que ela precisa *fazer*. Essa dinâmica bem integrada permite que Jade tenha uma vida mais próxima de seu desejo.

Deleuze e Parnet (1998) reforçam esta ideia ao sugerir que “sobre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação-vida”⁸² e, ao apontar mais adiante que o “grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao

⁸⁰ DELEUZE, G e GUATTARI, F. Mil Platôs. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996. v.1. p.16

⁸¹ Depoimento disponível em < <http://www.assexualidade.org/depoimentos>>

⁸² DELEUZE, G e PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998 p.61

contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma.”, tal como os assexuais estão fazendo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A2, **Fórum Assexual**. Disponível em <<http://www.assexualidade.org/>>. Acessado em 10 maio 2014

ARAUJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 22, n. 2, p. 70-77, June 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Oct. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.

ASEXUALITY: A Brief Introduction: AsexualityArchive.com, 2012. Disponível em: <<http://www.asexualityarchive.com/book/>>. Acesso em 18 de junho 2015.

AVEN. The Asexual Visibility and Education Network. (2015). Welcome. Disponível em: <<http://www.asexuality.org>>. Acesso em 18 junho 2015.

BARREIRO, Alex. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Pro-Posições, Campinas , v. 24, n. 1, Apr. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072013000100016&lng=en&nrm=iso>. Access on 23 Apr. 2014.

BRIGEIRO, M. **A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo**. Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad. N°14, p. 253-283, agosto 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004

_____. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BOGAERT, A. F. (2004). **Asexuality: Its prevalence and associated factors in a national probability sample**. The Journal of Sex Research, 41, 279–287.

_____. (2006). **Toward a conceptual understanding of asexuality**. Review of General Psychology, 10, 241–250.

_____. (2012) **Understanding Asexuality**. Rowman & Littlefield Publishers: Lanham.

BROTTO, A. L.; YULE, A. M. **Physical and Subjective Sexual Arousal in Self-Identified Asexual Women**. Archives of Sexual Behavior, n. 39, p. 599 – 618, 2010

CERANKOWSKI, K. J., MILKS, M. **Asexualities: Feminist and Queer Perspectives**: Routledge, United Kingdom, 2014

DELAMATER, J; PLANTE, R. **Handbook of the Sociology of Sexualities**: Springer International Publishing, 2015.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1996) **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. vol.1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora34, 2 ed. 1996.

_____. (1995) **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. vol. 2**. Tradução de Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34.

_____. (1997) **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. vol. 5**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, G e PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro

FONTES, Flávio Fernandes. **O conflito psíquico na teoria de Freud**. Psyche (Sao Paulo), São Paulo , v. 12, n. 23, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 mar. 2016.

FOUCAULT, M. (1988) **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1999a) **Vigiar e Punir**, Nascimento da Prisão (20ª Ed, Raquel Ramallete, trad.). Rio de Janeiro: Edição Graal.

_____. (1999b) **Micro Física do Poder**. (14a ed., R. Machado, org., trad.). Rio de Janeiro: Edição Graal.

GAGNON, B. 2006. **Uma interpretação do desejo – ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond. 2006

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo** . 12ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JOHNSON, M. T. **Asexual and autoerotic women: two invisible groups**. In: Gochros, H.L.; J.S. Gochros. *The sexuality oppressed*. New York: Associated Press, 1977.

KINSEY, A.; POMEROY, W. B., MARTIN, C. **Sexual Behavior in the Human Male**. Indiana University Press., 1948.

KINSEY, A.; POMEROY, W. B., MARTIN, C, GEBHARD, P. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia : Indiana University Press., 1953

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

LE MOS, D. S. C. M.. **Assexualidades: factores de vulnerabilidade psicológica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense) – Departamento de Educação, Universidade Aveiro, Portugal. 2011

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Estudos Feministas. v. 9, n. 2, (541-553), 2001.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

_____. **O potencial político da Teoria Queer**. 2014. *Revista CULT*, São Paulo, n. 193, p. 36-37. Agosto 2014. Entrevista concedida a Carla Rodrigues

LUSTOZA, Rosane Zétola. **A angústia como sinal do desejo do Outro**. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 6, n. 1, mar. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 jun. 2015

MACINNIS, C.C., & HODSON, G. (in press). **Intergroup bias toward “Group X”: Evidence of prejudice, dehumanization, avoidance, and discrimination against asexuals**. Group Processes and Intergroup Relations. DOI: 10.1177/1368430212442419

MARTINHO, Jose. **O desejo é o desejo do outro**. Disponível em <http://acfpportugal.com/cartaacf/carta3.pdf>. Acessado em 18 jun 2015

MASTERS, W.H.; JOHNSON, V.E. (1966). **Human Sexual Response**. Toronto; New York: Bantam Books, 1966

_____. **Human Sexual Inadequacy**. Toronto; New York: Bantam Books, 1970

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias. n.21, Porto Alegre, 2009

MOTTA, Jose Inácio Jardim; RIBEIRO, Victória Maria Brant. **Quem educa queer: a perspectiva de uma analítica queer aos processos de educação em saúde**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000600021&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 abr. 2014.

MUNÁRRIZ, L. A. **La identidad “asexual”**. Gazeta de Antropologia, no. 26/2, 2010, Artigo 40. Disponível em <http://www.ugr.es/~pwlac/G26_40Luis_Alvarez_Munarriz.html>. Acesso em 20 jun 2016

NOGUEIRA, Luiz Carlos. **O Campo Lacaniano: desejo e gozo**. Psicol. USP, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 93-100, 1999. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 20 June 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641999000200007>.

NURIUS, P. **Mental health implications of sexual orientation**. The Journal of Sex Research, v. 19, n. 2, p. 119-136, 1983.

OLIVEIRA, E. R. B. **“Minha vida de Ameba”: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola**. 2014. 225f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____. **Saindo do Armário: a assexualidade na perspectiva da AVEN – Asexual Visibility and Education**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384778146_ARQUIVO_ElisabeteReginaBaptistadeOliveira.pdf>. Acessado em 18 de junho 2015.

_____. Diversidade na Biblioteca: **Os assexuais na sociedade do desejo sexual compulsório**. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=uF4iJahhQBI&list=UUFXt71mX_7dxwQua633KQrQ&index=1&feature=plcp. Acessado em 10 abr 2014

PELBART, P.P. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. Conferência. In: Ciclo "O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão", Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo: 2008. Disponível em <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>> Acessado em 24 fev 2016

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **A teoria queer e a Reinvenção do corpo**. Cad. Pagu, Campinas, n. 27, Dec. 2006.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 11-20, janeiro-abril/2011

_____. **Testo Yonqui**. Madrid: Ed Espasa Calpe, 2008. p. 58

_____. **Manifesto contrassexual**. Políticas Subversivas de identidade sexual. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014

PORTILLO, W. & PAREDES, R. **Asexualidad**. Revista Digital Universitaria. Volume 12, Numero 3, 2011. Disponível em <<http://www.revista.unam.mx/vol.12/num3/art28/art28.pdf>>. Acessado em 15 jun 16

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2011.

SENA, Tito. **Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 221-240, Apr. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100014&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Oct. 2015.

SCOTTI, Sergio. **PSICANÁLISE: UMA ÉTICA DO DESEJO**. VI Congresso Nacional de Psicanálise e do XV Encontro de Psicanálise da UFC, 2011 Disponível em <<http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Palestras/01.pdf>> Acesso em 20 de junho 2015

SCHERRER, K. S. **Coming to an asexual identity: negotiating identity, negotiating desire**. Sexualities, 2008; Vol 11(5): 621–641

SIMÕES, J. FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2009.

SORIA, L. M. **Asexualidad: primeras aproximaciones, primeros interrogantes**. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología Del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponível em < <https://www.aacademica.org/000-054/824.pdf>> Acesso em 22 jun 2016.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. **A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero**. RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online), São Paulo, v. 11, n. 3, June 2010.

SOUZA FILHO, A. **A política do conceito: subversiva ou conservadora? Crítica à essencialização do conceito de orientação sexual**. Bagoas. Natal, v. 3, n. 4, p. 59-77, jan./jun. 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2296/1729>>. Acesso em 20 mai 2016

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. **A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet.** Psicol. USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 135-155, June 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642006000200007>.

SPIZZIRRI, G. Eles não pensam naquilo. **Revista SuperInteressante.** São Paulo, n. 358, p. 60-65, mar 2016. Entrevista concedida a M. Verrumo.

STORMS, M. D. (1980). **Theories of sexual orientation.** Journal of Personality and Social Psychology, 38, 783-792.

TAVARES, Talita Leite; FILHO, Vandivel G. B. **Teoria Queer: contribuições nas questões de gênero,** II Seminário Nacional de Gênero e Práticas

ŽIŽEK, S. **O estrangeiro descafeinado.** Jornal La Stampa, Itália, 14-11-2011. Traduzido por Moisés Sbardelotto. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/502857-o-estrangeiro-descafeinado-artigo-de-slavoj-iek>>. Acessado em 01 mai 2016